

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

TATIANE DA SILVA VELOSO

**ATLAS LINGUÍSTICO DO TOCANTINS: um enfoque semântico -
lexical sobre unidades lexicais que designam a fauna tocan-
tinen-
se**

**PALMAS
2017**

TATIANE DA SILVA VELOSO

**ATLAS LINGUÍSTICO DO TOCANTINS: um enfoque semântico -
lexical sobre unidades lexicais que designam a fauna tocaninense**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras do Instituto Federal do Tocantins –
Campus Palmas, como exigência à obtenção
do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Marra Silva

**PALMAS
2017**

À minha amada família: meu esposo Izael Veloso, minhas filhas Rebeka e Raquel e àquela que me deu a luz, Maria Eunice, que mesmo sem muita instrução escolar sempre foi incisiva para que os filhos pudessem desfrutar da oportunidade que lhe foi tomada pela dura vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e sustentador da minha vida, que me fortaleceu nesses anos de estudos e me capacitou a vencer mais uma etapa de minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr Daniel Marra, pela orientação, por dividir seu conhecimento e experiência comigo, pela paciência e dedicação na elaboração deste trabalho e por me motivar sempre a ser uma professora-pesquisadora da nossa língua tão rica.

À Profa. Ma Erika Luz que durante todo o curso nos motivou a nunca desistir, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas, um agradecimento muito especial aos incentivos à produção científica que ela insistentemente me colocava a produzir, na qual foi enriquecedor demais para a minha formação e para a aquisição de experiência.

À nossa coordenadora do Curso, Profa. Dra. Sylmara Barreira, pela dedicação incansável ao ensino, por conduzir com muito carinho a Coordenação de Letras, e por ser tão prestativa e amorosa com todos.

Aos demais professores que tive o prazer de conhecer ao longo desse Curso e que contribuíram para nossa formação.

A todos os meus amigos pelos momentos de convívio, amizade, apoio e incentivo. Por serem mais que amigos e em meio às dificuldades nos tornamos cúmplices e irmãos.

Em fim, a todos que, de alguma forma, me ajudaram a vencer este desafio.

“O mundo é um fluxo permanente em que
nada permanece idêntico a si mesmo.”
Heráclito

RESUMO

Fruto do projeto Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins, o presente estudo evidencia a variação das unidades lexicais que compõem o campo semântico-lexical fauna no léxico tocantinense, extraídas a partir dos dados do Acervo. As unidades lexicais selecionadas para a pesquisa são: *urubu*, *galinha-d'angola*, *papagaio*, *gambá*, *búfalo*, *sanguessuga* e *libélula*. Os dados apresentados foram coletados em nove dos dezesseis pontos de coleta do Acervo: Araguacema, Araguatins, Dianópolis, Formoso do Araguaia, Miracema, Paranã, Pedro Afonso, Tocantinópolis e Xambioá. A coleta de dados se deu através de entrevistas gravadas em áudio, com o objetivo de mostrar como as pessoas dessas cidades nomeiam os itens lexicais da fauna tocantinense. O perfil dos participantes do projeto obedeceu a critérios tradicionais e inovadores, sistematicamente controlados conforme o gênero, a idade e a escolaridade. Como embasamento teórico utilizamos a Dialetoлогия e a Geografia Linguística, também chamada de Geolinguística, para fundamentar a análise das variações percebidas. Há gráficos para demonstrar a produtividade dos termos mencionados, e há descrições metalexográficas de todas as unidades lexicais mencionadas pelos participantes, e a partir de então, se traçou relações dos significados com os termos recorrentes. Após a análise dos dados observados ficou evidente a presença da variação lexical, pois para cada unidade surgiram mais de uma resposta, sendo que para a questão “Como chama aquela ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho?” ocorreram seis respostas válidas e uma resposta tida como equívoco do participante durante a entrevista. Tudo isso demonstra a importância do trabalho realizado e o grande campo que ainda poderá ser explorado.

Palavras-chave: ALiB. ALINTO. Unidade Lexical

ABSTRACT

The present study evidences the variation of the lexical units that compose the semantic-lexical field fauna in the lexicon of Tocantins, extracted from the data of the Collection. The selected lexical units for the research were: *urubu*, *galinha-d'angola*, *papagaio*, *gambá*, *búfalo*, *sanguessuga* e *libélula*. The data presented were collected in nine of the sixteen collection points of the Collection: Araguacema, Araguatins, Dianópolis, Formoso do Araguaia, Miracema, Paranã, Pedro Afonso, Tocantinópolis and Xambioá. Data collection was done through interviews recorded in audio, with the purpose of showing how the people of those cities name the lexical items of the fauna tocaninense. The profile of the participants of the project obeyed traditional and innovative criteria, systematically controlled according to gender, age and schooling. Dialectology and Linguistic Geography, also called Geolinguistics, were used as the theoretical framework to support the analysis of the perceived variations. There are graphs to demonstrate the productivity of the terms mentioned, and there are metalexicographed descriptions of all the lexical units mentioned by the participants, and from that time relationships of meanings with the recurrent terms have been drawn. After analyzing the observed data, the presence of lexical variation was evident, since for each unit more than one answer appeared. As for the question "How do you name that domestic bird, raised like chicken, that has grey feathers with white polka dots and that makes a different chirping sound? there were six valid answers and a response that was taken as a mistake made by the participant during the interview. Everything that was studied and analyzed demonstrates the importance of the work that was carried out done and the vast field that can still be explored.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 88 do ALINTO: “Como chama aquela ave que come carniça?”.....	32
Gráfico 2 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 88 do ALINTO: “Como chama aquela ave que come carniça?”	33
Gráfico 3 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 91 do ALINTO: “Como chama aquela ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho?”.....	34
Gráfico 4 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 91 do ALINTO: “Como chama aquela ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho?”	34
Gráfico 5 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 92 do ALINTO: “Como chama aquele passarinho verde que fala?”.....	36
Gráfico 6 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 92 do ALINTO: “Como chama aquele passarinho verde que fala?”.....	37
Gráfico 7 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 93 do ALINTO: “Como chama aquele bicho fedorento que come galinha?”.....	39
Gráfico 8 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 93 do ALINTO: “Como chama aquele bicho fedorento que come galinha?”.....	39
Gráfico 9 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 105 do ALINTO: “Como chama aquele tipo de gado de cor preta criado solto e que se alimenta do mato?”.....	41

Gráfico 10 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 105 do ALINTO: “Como chama aquele tipo de gado de cor preta criado solto e que se alimenta do mato”?..... 42

Gráfico 11 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 108 do ALINTO: “Como chama aquele bicho da água que gruda na pele e chupa o sangue?” 44

Gráfico 12 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 108 do ALINTO: “Como chama aquele bicho da água que gruda na pele e chupa o sangue?”44

Gráfico 13 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 109 do ALINTO: “Como chama aquele inseto grande que voa sobre a água?”..... 47

Gráfico 14 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 109 do ALINTO: “Como chama aquele inseto grande que voa sobre a água?” 47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Percurso histórico da Dialetologia no Brasil	13
2.2 Geografia Linguística	16
2.2.1 Um breve histórico sobre a construção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)	17
2.2.2 Atlas Linguístico do Tocantins (ALINTO)	20
2.3 O Léxico e suas variações	22
2.3.1 Variação Diatópica	24
2.3.2 Variação Diageracional	27
2.3.3 Variação Diassexual	27
3. METODOLOGIA	28
3.1 Coleta de dados	28
3.2 Perfil dos participantes	29
3.3 Questionário	30
4. TABULAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS	32
5. Considerações finais	50
1. 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1. INTRODUÇÃO

Os estudos dialetológicos no Brasil têm se multiplicado no decorrer do século XX. Muitos Atlas Linguísticos Regionais como o Atlas Linguístico do Acre (ALAC), o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN), Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES), Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP), o Atlas Linguístico de Goiás (ALINGO), e o tão esperado, Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que em 2014 foi concluído, entre outros, foram constituídos por pesquisadores que estudam a língua do nosso país, com a finalidade de apresentar os aspectos linguísticos e culturais dos falantes de uma determinada região ou estado brasileiro.

A atividade de pesquisa em Linguística, como os demais campos de estudos científicos, representa para o pesquisador um meio de obtenção de respostas a suas indagações, um caminho para o conhecimento quase inesgotável da complexidade que constitui as línguas e o estudo destas. Os problemas evidenciados na prática de ensino de língua e linguística obrigam o professor a ser um pesquisador constante e a buscar respostas para o que ainda carece de explicação e a evidenciar o que ainda permanece encoberto aos olhos dos estudiosos da linguagem.

De acordo com Kuhn (2007), o pesquisador enxerga e investiga seu objeto de estudo com os olhos e concepções de sua experiência visual e conceitual prévia. Saussure (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15), reconhecendo a complexidade do estudo da linguagem, argumentou que “longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”, ou seja, um fenômeno linguístico qualquer submetido à inspeção do pesquisador poderia ser analisado de vários pontos de vista, considerando-se os aspectos físico, fisiológico, psíquico e social da linguagem.

A pesquisa que ora é empreendida é motivada tanto pela necessidade que esta pesquisadora tem de estar em constante envolvimento com a pesquisa linguística, como também pela possibilidade de ampliação de seus horizontes para um conhecimento mais amplo da língua portuguesa e de seus aspectos estruturais e socioculturais. O olhar que lançamos sobre o uso da Língua Portuguesa possui um

enfoque semântico-lexical, com uma metodologia marcadamente descritiva sobre alguns aspectos lexicais do estado do Tocantins.

O estado possui uma vasta extensão territorial, que faz fronteiras com os estados do Maranhão, Pará, Piauí, Bahia, Mato Grosso e Goiás, cujas características linguísticas são bastante caracterizadas e também pouco conhecidas cientificamente. O mais novo estado do Brasil, Tocantins, não poderia deixar de registrar os falares de seus habitantes. O Atlas Linguístico do Tocantins (ALINTO) ainda está em construção.

Têm-se, no Brasil, falares que se diferenciam em cada Unidade Federativa. Assim como, em cada Unidade Federativa, podem ser encontradas muitas variantes normativas regionais e locais. “Tal foi o que se deu em nosso país; a enorme extensão territorial sem fáceis comunicações interiores quebrou a unidade do falar, fragmentando-o em subfalares” (NASCENTES, 1953, p.18). Nascentes (1958), citado por Paim (2012), afirma que é necessário construir acervos regionais para se saber as formas linguísticas de cada região deste vasto país, assim como foi feito nos Estados Unidos.

Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los nos atlas gerais. Assim também devemos fazer em nosso país que é também vasto [...] (NASCENTES apud PAIM 2012, p. 34).

Desse modo, este projeto se justifica por mostrar a variação lexical que compõe o campo semântico lexical fauna no acervo do ALINTO, que será importante para o conhecimento da diversidade sociolinguística dos falantes desta língua, a fim de que os utentes possam conhecer e valorizar a diversidade constitutiva do português brasileiro; bem como levar em conta os diversos significados ou formas linguísticas para chegarmos a um mesmo significante. Para Calvet (1997 *apud* ARAGÃO, 2012), uma das funções da Sociolinguística é analisar a correlação entre as variantes linguísticas e as categorias sociais dos grupos sociais em observação.

Segundo Calvet (1997 *apud* ARAGÃO, 2012, p.18), esta é a definição de variável linguística, “[...] duas formas diferentes permitem dizer a ‘mesma coisa’, isto é quando dois significantes têm o mesmo significado”. Os conhecimentos sobre essas diversidades linguísticas, além de serem enriquecedores para o conhecimento

cultural de nosso estado, também é importante para que haja o respeito pelas diferentes formas de falar e para que não sejam permitidas zombarias entre os falantes. Por exemplo, se um morador da cidade de Araguacema e outro da cidade de Paranã mudarem para a capital e ambos nomearem o inseto que voa sobre a água de formas peculiares de sua região, os utentes que moram na capital poderão respeitar as variações sem qualquer escárnio.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as variantes lexicais que designam a fauna tocantinense em dez pontos que compuseram o Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins: Norte (Araguatins, Tocantinópolis e Xambioá); Centro-Oeste (Pedro Afonso); Centro (Miracema e Pedro Afonso); Sudeste (Dianópolis), Sul (Formoso do Araguaia, Paranã), a fim de observar as variações na forma de designar tais elementos.

Por fim, os objetivos específicos são: identificar as variantes mais recorrentes na fala dos Tocantinenses no tocante às formas de designar a fauna tocantinense; descrever as recorrentes variações lexicais no falar do tocantinense; analisar os significados metalexiconográficos (dicionarizados) das variantes; e analisar no âmbito diatópico e lexical as variações recorrentes no falar do tocantinense.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Percurso histórico da Dialetoлогия no Brasil

As teorias que fundamentaram esta pesquisa são a da Dialetoлогия e da Geografia Linguística. A seguir, apresentaremos um breve histórico de cada uma delas.

Ao longo da história dos povos, conforme Cardoso (2010, p. 27), o estudo sistemático da diversidade de usos da língua e a preocupação com as diferenças dialetais sempre estiveram presentes, seja por simples constatação, seja por instrumento político para auxiliar à luta, seja por mecanismo de descrição das línguas. A partir do século XX perpassou a história até se tornar um objeto próprio e metodologia definida.

Sendo assim, estudos dialetológicos surgiram a partir da necessidade de se estudar a variedade que a língua assume de uma região para outra, e a interferência da diversidade cultural no comportamento social de seus falantes. Cardoso define dialetoлогия como “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por

tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p.15).

Hugo Ernest Mario Schuchardt (1842-1927) contribuiu grandemente para os estudos dialetológicos, pois ele defendia a ideia de que cada palavra é singular e cada uma tem a sua própria história. Esse pensamento fez com que ele focalizasse “vários aspectos da mesma palavra e contasse a história de cada uma” (VIARO, p.87 *apud* MARRA, 2016, p. 11, 12), comprovando as variantes regionais e destacando o significado das palavras. As conclusões do autor foram pertinentes para os estudos dialetológicos e linguísticos-geográficos.

Já no Brasil, o início dos estudos dialetais tem seu começo com a contribuição do visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao *Atlas Ethnographique de Globe*, de Adrien Balbi, publicado em 1826. Após essa primeira fase, várias outras marcaram cada etapa dos estudos linguísticos no Brasil.

A segunda fase foi evidenciada pela publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral em 1920. Amaral tinha a preocupação em analisar o chamado falar brasileiro, e desenvolveu métodos e técnicas inovadoras para a época. Segundo ele, esses métodos e técnicas de pesquisa deveriam ser aplicados em todas as regiões brasileiras, a fim de se ter uma comparação dialetal mais eficiente para se chegar às características de cada um. “Outro ponto a se destacar é o cuidado do autor em se reforçar a necessidade da utilização dos **mesmos métodos e das técnicas de pesquisa para todas as regiões**, o que permitiria a comparação entre os dialetos” (CARDOSO, 2014, p.33) (grifos nosso).

Outra obra de igual relevância nessa fase foi a de Antenor Nascentes, *O linguajar carioca em 1922* e a de Mário Marroquim, *A língua do Nordeste*, em 1934. A partir desses três autores, vários outros trabalhos foram publicados, construindo assim a tradição dos estudos do léxico, seja de cunho fonético-fonológico, morfossintático de algumas regiões do país ou de influência africana no português.

Em 20 de março de 1952, com a promulgação do Decreto nº 30.643, regulamentado pela Portaria nº 536, de 26 de maio do mesmo ano, a Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa tem como uma das principais atribuições a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. Assim inicia-se a terceira fase caracterizada pela implantação e implementação dos estudos geolinguísticos.

Nessa fase se desenvolveram, de forma mais sólida, os trabalhos de cunho geolinguísticos, de importantes linguistas brasileiros: como a publicação em dois volumes das *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, em 1958 e em 1961 de Antenor Nascentes, um dos maiores defensores da Geolinguística nacional; *Guia para estudos dialetológicos*, de 1955, de Serafim da Silva Neto, no qual traz orientações práticas para a implantação dos estudos dialetais e geolinguísticos em Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Outro batalhador pela causa de atlas nacionais e regionais foi Celso Cunha que, mesmo não publicando nenhum trabalho nessa área, estava junto de Serafim da Silva Neto no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que aconteceu em Lisboa, em 1957. Ainda temos o chamado carioca-baiano, Nelson Rossi, que pôs em prática os estudos, as discussões sobre os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil com a publicação do *Atlas prévio dos falares baianos*, em 1963. Este foi o primeiro Atlas Linguístico do Brasil, e que serviu de modelo e abriu a série atual de atlas regionais para todos que vieram posteriormente e conseqüentemente o *Atlas Linguístico do Brasil*.

A partir daí dissertações e teses começaram a ser apresentadas aos programas de pós-graduação. Cita-se a primeira dissertação de Mestrado de Dinah Maria Isensee, *O falar de Mato Grosso (Bahia) Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do léxico*, defendida na Universidade de Brasília, em 1964 e orientada por Nelson Rossi e de Vanderci de Andrade Aguilera.

No final do século XX, com o percurso seguido pela Dialetologia no país, surge o início da quarta fase com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, e cada vez mais a Geolinguística impulsionou a criação de atlas regionais e de pequenos domínios, objeto de Dissertações de Mestrado e teses de Doutorado.

Com o grande interesse nessa área, as universidades foram incluindo nos currículos dos Cursos de Letras disciplinas que abrangessem essa área. Com isso, o grupo de pesquisadores também se ampliou. E os investimentos de organismos financiadores para a área de estudos linguísticos também cresceram.

Após este percurso histórico, chegamos na autora Suzana Cardoso (2010), que também está inserida nesse quadro histórico, pois ela seria a âncora para este trabalho na perspectiva dialetológica, por ser uma dialetóloga brasileira que forneceu informações gerais e contextualizou os trabalhos iniciais da área no mundo e em nosso país em sua obra *Geolinguística, tradição e modernidade*.

Cardoso também desenvolveu pesquisas que contribuíram para a construção do ALIB (Atlas Linguístico no Brasil).

Refletir sobre a diversidade linguístico-cultural e relacioná-la ao ensino, ensino que se deve processar ou não – eis a questão que logo de início se impõe – na perspectiva da unidade em todo território nacional, constitui-se em tema atraente na atualidade e vem-se afigurando produtivo na formulação de propostas e encaminhamentos (CARDOSO, 2010, p. 177).

A autora julga ser importante estudar a Dialectologia/Geolinguística por ser fundamental no ensino da língua materna. Tal área ajudará os professores a compreender melhor as interfaces da diversidade linguístico-cultural em nosso amplo território brasileiro para então relacioná-la ao ensino. Apesar de sabermos dessa importante relação do ensino da língua materna com a Dialectologia, este trabalho tem cunho descritivo das unidades lexicais da fauna recorrentes na fala dos participantes tocantinenses, portanto não nos ateremos quanto ao ensino de língua.

2.2 Geografia Linguística

Outro fundamento teórico para nossa pesquisa será a Geografia Linguística, também chamada de Geolinguística. Os estudos de Geografia Linguística iniciaram-se no fim do século XIX com o alemão Georg Wenker (1852-1911), que estudou as variações da língua alemã e que estão registradas até hoje em *Marburg*. Na França, destacaram-se os estudos do suíço Jules Gilliéron (1854-1956), que organizou e produziu o *Atlas Linguistique de la France*, entre os anos 1902 e 1910.

No Brasil, temos Serafim da Silva Neto e Antenor Nascentes como precursores da Geografia Linguística. Este último publicou as “Bases para Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”, abrindo caminhos para os demais Atlas que foram, posteriormente, sendo publicados.

Segundo Marra (2016):

Em 1958, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia publicou a 2ª edição melhorada e ampliada de sua obra “Guia para Estudos Dialectológicos”. Antenor Nascentes, outro dos precursores da Geografia Linguística no Brasil, publicou as “Bases para Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil” (MARRA, 2016, p.13).

Esta pesquisa, ancorada nos estudos dialetológicos brasileiros, será embasada pelos estudos de Antenor Nascentes (1953) e Suzana Cardoso (2010), pois eles defendem e trabalharam a ideia de que era necessário traçar o mapa linguístico do país, e para isso primeiro deveriam ser criados mapas regionais para depois vir o mapa do país todo, e posteriormente foi criado o ALiB.

As ideias de Nascentes serviram de motivações para estudar aspectos linguísticos a nível estadual ou regional das diversas variações ocorrentes na língua dos falantes de um povo. Segundo Aurélio, (2012):

Motivados pelo interesse e dedicação de Antenor Nascentes e Silva Neto, desde então, muitos pesquisadores têm realizado estudos em nível estadual ou regional, levantando dados que apontam para a diversidade linguística do Brasil, levando-se em consideração parâmetros metodológicos da Dialetologia tradicional ou pluridimensional, bem como, as contribuições de campos de estudo auxiliares, tais como a lexicologia e a lexicografia. (AURÉLIO, 2012, p.14).

Assim, esta pesquisa também será motivada pelos mesmos interesses de pesquisadores como Antenor Nascentes, de realizar estudos regionais dos falares tocaninense. Portanto, iremos identificar e descrever as variações ocorrentes na língua falada, para isso serão utilizados métodos dialetológicos que são: variação diatópica e variação lexical.

2.2.1 Um breve histórico sobre a construção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

O Atlas Linguístico do Brasil, ALiB, surgiu da necessidade de se ter a caracterização geral do português do Brasil, aja visto que já havia sido publicado outros atlas regionais em várias regiões distintas de nosso vasto país. No ano de 1996, Suzana Cardoso, em uma apresentação de comunicação na UFBA, fez um questionamento se havia chegado a hora de se criar o Atlas Linguístico do Brasil e logo expôs três razões para o início do projeto:

[...] a inexistência de uma caracterização geral do português do Brasil a partir de dados buscados *in loco*; a ausência de dados que permitissem traçar uma divisão dialetal do nosso país; a necessidade de ter-se a multidimensionalidade da língua no país não apenas para efeito de precisar

e demarcar espaços geolinguísticos, mas para que se possa também contribuir para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino da língua materna que nela se processa (CARDOSO, p. 13).

A necessidade exposta por Suzana Cardoso não era novidade para os pesquisadores presentes no *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Dialectologia no Brasil*, que aconteceu em Salvador- BA, pois há mais de 60 anos, os também pesquisadores Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi já haviam manifestado esse interesse.

Na metade do século XX, na década de 50, as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores eram muito grandes, tais como dificuldades financeiras, a falta de pesquisadores preparados para esse tipo de investigação, grande extensão territorial do país, as estradas precárias, os meios de comunicação também eram muito tímidos (CARDOSO, p.18, 19).

Por isso Cunha e Silva Neto afirmaram que no momento deveria se investir primeiro nos atlas regionais, porque as condições as que eles viviam no momento não permitiriam que comesçassem pelo projeto macro, o Atlas Nacional.

Embora não devamos perder de vista a possibilidade futura de um *Atlas Nacional*, as condições actuais aconselham-nos a fixar a atenção apenas em trabalhos de elaboração menos complexa e penosa, ou melhor dizendo, em programar uma série de atlas regionais. A realização destes nos permitirá cogitar, mais tarde, da obra gigantesca da recolha global do território brasileiro (CUNHA; SILVA NETO, p. 406-407 *apud*, CARDOSO, 2014, p. 17).

Mesmo com tantas dificuldades enfrentadas, elas não foram suficientes para parar o trabalho dos pesquisadores. Antenor Nascentes publicou em dois volumes as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, mas o autor justificou que se deveria começar pelos atlas regionais, assim como fora feito nos Estados Unidos. Passou-se então a investir em atlas regionais. As bases e os passos foram estabelecidos para o início de trabalho nesse campo.

Reúne, nas suas *Bases*, informações fundamentais para o início de um trabalho no campo da Geolinguística, após recomendar que os atlas regionais sejam inicialmente feitos onde já se tenham realizado sondagens sobre quatro pontos fundamentais para a efetivação da pesquisa dialetal, que assim define: a anotação de dados sobre o informante, as notas sobre a localidade, o questionário e a escolha das localidades (CARDOSO, 2014, p.18).

Cardoso aponta as recomendações feitas por Nascentes para se construir os atlas linguísticos, que poderiam ser tanto para um atlas nacional ou regional. Passadas algumas décadas, já com uma vasta publicação de atlas regionais e uma gama de trabalhos, dissertações e teses publicadas, a necessidade da criação do ALiB apresentada anteriormente por Cardoso, foi posta em prática e o projeto tomou forma.

Após 60 anos, desde o senso levantado em 1950, o quadro do país já havia mudado consideravelmente. A população da zona rural era de 33.161.506 habitantes e os da zona urbana era de 18.782. 891, em 2010 os habitantes da zona urbana chegava a 160.925.792 e os da rural 29.830.007. Foi muito significativo também o crescimento dos meios de transporte tanto fluvial, terrestres e aéreos, a evolução dos meios de comunicação também é algo a se considerar.

Sendo assim, os limites geográficos tornaram-se mais imperceptíveis, o homem passou a ser considerado um ser sem fronteiras por causa das informações que lhe chegavam e que ele acessava por meio das novas tecnologias. O Brasil realmente havia mudado nos últimos 60 anos. Neste sentido, foi retomada a ideia do precursor do Atlas Linguístico do Brasil, Antenor Nascentes, por professores e pesquisadores da língua portuguesa, sob a coordenação de Suzana Cardoso, durante o Seminário Nacional *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*.

Com a aprovação da ideia e considerando a importância dos estudos dialetológicos no Brasil, foi produzida e firmada a *Carta de Salvador*, que reconhece o momento de iniciar a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Ainda durante o Seminário foi traçada a linha metodológica e as medidas imediatas dos objetivos a serem seguidos pelo primeiro Comitê Nacional composto por:

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA, Diretora - Presidente), Jacira Andrade Mota (UFBA, Diretora Executiva), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC,UEC, Diretora Científica), Mário Roberto Lobuglio Zagari (UFJF, Diretor Científico), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL, Diretora Científica) e Walter Kock (UFRGS, Diretor Científico) (CARDOSO, 2014, p. 22).

Este comitê estruturou-se por sete regionais, devido os membros estarem distribuídos por todo território brasileiro: Regional Pará, Regional Nordeste, Regional

Bahia, Regional Mato Grosso do Sul, Regional Minas Gerais, Regional Paraná e Regional Sul. O comitê desenvolveu suas atividades com êxito, e encontros regulares aconteceram para a discussão de questões metodológicas e aprofundar as teorias. Também foram realizados 11 *worksops* nacionais que culminaram em publicações de trabalhos realizados pelos pesquisadores, e finalmente, em 2014, foi consolidado a publicação do Atlas Linguístico do Brasil em dois volumes.

2.2.2 Atlas Linguístico do Tocantins (ALINTO)

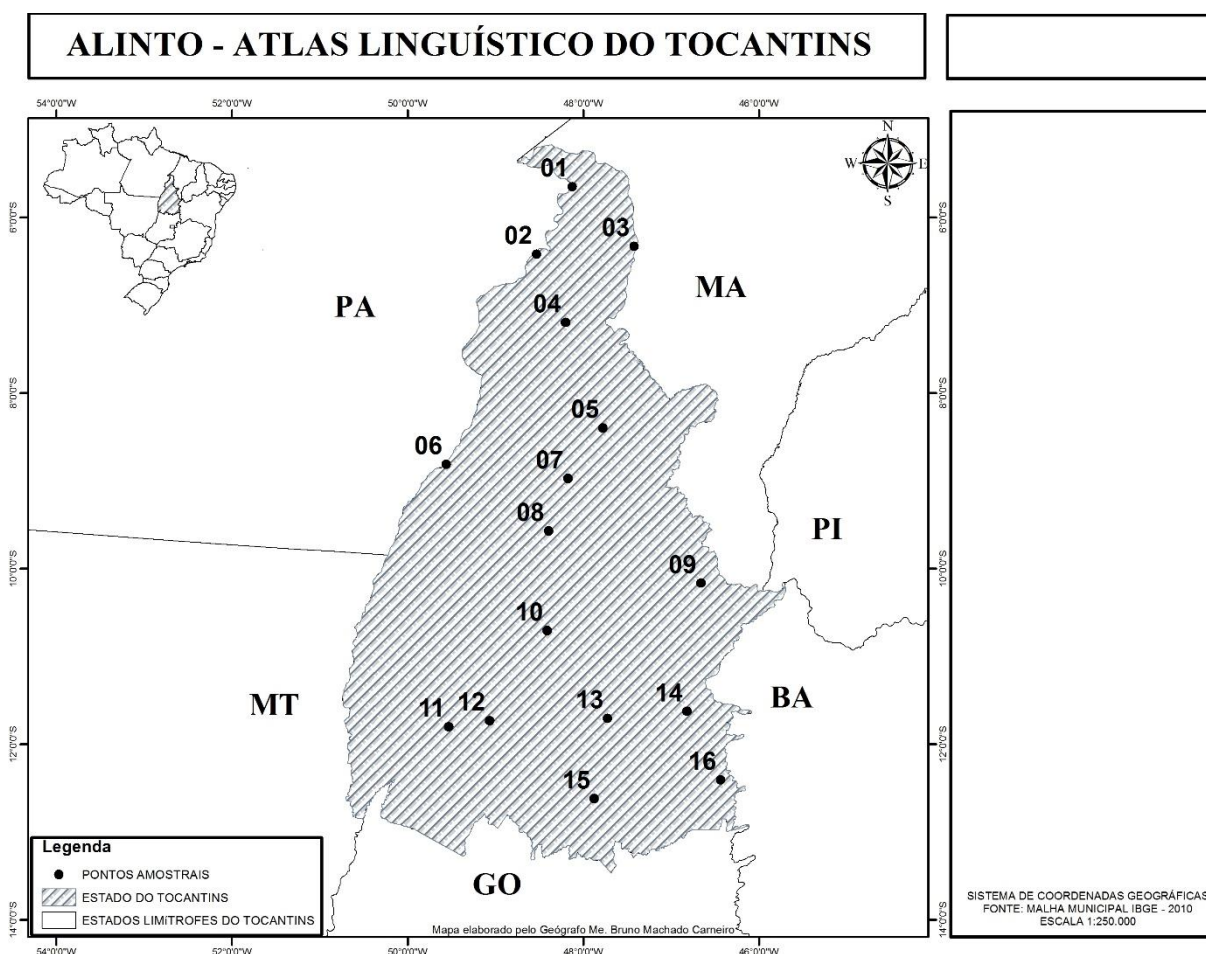
Em maio de 2013, foi proposto pelo professor Dr. Daniel Marra, o projeto de pesquisa Construção do Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins, cujo objetivo era o de registrar através de técnicas de coleta de dados *in loco* em várias cidades a língua falada no estado, para então descrevê-la e revelá-la como um capital cultural constitutivo da identidade linguística do povo tocaninense.

O projeto também conta com os mesmos critérios metodológicos adotados no ALiB: a coleta de dados, os critérios no perfil dos participantes e a aplicação do questionário.

O ALINTO é composto por 16 pontos de onde os dados foram coletados, conforme Mapa-Base abaixo:

Ponto 1: Araguatins	Ponto 15: Paranã
Ponto 2: Xambioá	Ponto 16: Taguatinga
Ponto 3: Tocantinópolis	
Ponto 4: Araguaína	
Ponto 5: Itacajá	
Ponto 6: Araguacema	
Ponto 7: Pedro Afonso	
Ponto 8: Miracema do Tocantins	
Ponto 9: São Félix do Tocantins	
Ponto 10: Porto Nacional	
Ponto 11: Formoso do Araguaia	
Ponto 12: Gurupi	
Ponto 13: Natividade	
Ponto 14: Dianópolis	

(Figura 1. Carta-base elaborada pelo geógrafo prof. Me. Bruno Machado Carneiro)



Antes das viagens para os pontos de coletas, o prof. Daniel Marra treinou e orientou a sua equipe para então coletarem as entrevistas em campo, a equipe foi composta por professores do Instituto Federal que eram vinculados ao projeto, alunos bolsistas do PIBIC e voluntários. As viagens se deram em momentos diferentes.

Nos anos de 2013 e 2014 acompanhei de longe o seguimento deste projeto, as viagens que meus colegas de turma fizeram para coletar os dados, mas somente em julho de 2015 me vinculei ao projeto de pesquisa por meio do PIBIC, e assim com a equipe anterior, o grupo de bolsistas e voluntários o qual me vinculei também recebeu treinamento e orientações de como utilizar os aparelhos gravadores, como selecionar o perfil dos participantes e como abordá-los. Enfim, fomos a campo, eu a colega de turma. Nós escolhemos a cidade de Araguacema, porque o pai dela conhece bem a região, é funcionário público estadual e sempre faz viagens a trabalho para lá. A pesquisa ocorreu tranquilamente, por ser uma cidade

interiorana fomos muito bem recepcionadas e recebemos a ajuda das pessoas da cidade para selecionar os inquiridores. A dificuldade maior que encontramos foi encontrar jovens que tinham estudado apenas nove anos de escolaridade, a maioria está seguindo com os estudos. Mas com a ajuda dos habitantes conseguimos concluir a pesquisa em dois dias.

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) se deu nesse envolvimento com a pesquisa linguística, em registrar as variações na língua, em especial a variação tocaninense. Na verdade, desde o primeiro semestre do curso essa temática me escolheu. A consolidação se deu no ingresso ao PIBIC, pois, através da pesquisa empreendida, pude perceber o quão é importante estudar a língua e suas respectivas variações no âmbito linguístico.

2.3 O Léxico e suas variações

Definir o léxico não é uma tarefa fácil, por ele ter várias definições e descrições. Para Villalva e Silvestre (2014, p.20), “o léxico é um repositório das unidades lexicais de uma língua”. Os autores afirmam que para se ter essa definição, é necessário ter claramente em mente os conceitos de língua, variação linguística, dialeto. Quando se tem um dicionário ou uma gramática de determinada língua, encontramos normas, regras que veriam a maneira “certa” de utilizá-los e, nem todos os falantes dessa língua, em nosso caso o português, dominam essas normas.

Pelo fato do Brasil ter uma extensão geográfica muito grande, ocorrem muitas variações linguísticas de um mesmo item lexical. Ainda segundo os autores, tais variações podem ocorrer devido as diferenças geográficas ou o padrão sociocultural dos utentes. “Os falantes que integram uma dada comunidade linguística podem variar entre si no uso da língua – ou provêm de variedades ou dialetos distintos ou são falantes conservadores face a outros mais inovadores” (VILLALVA e SILVESTRE, 2014, p. 22).

Para se construir o léxico de uma língua é necessário um acúmulo abstratamente de palavras ao longo do tempo, ou seja, a convivência com os determinados falantes de uma língua. Palavras que são utilizadas no presente e unem-se a palavras que foram registradas preteritamente através da escrita, que

muitas vezes são esquecidos na memória, mas ao serem ditas novamente retomam ao nosso léxico já formado.

Ainda segundo Villalva e Silvestre (2014), esse acúmulo abstrato de palavras, que é o léxico, depende do que o falante fala, lê, ouve e escreve, que também é chamado de léxico mental. Cada falante tem o seu, pois cada qual constrói de acordo com suas experiências de vida. “O conhecimento lexical que o falante possui num dado momento pode, pois, não ser idêntico ao de outro anterior ou posterior: trata de um saber cumulativo e, também, degradável” (VILLALVA e SILVESTRE, 2014, p. 23).

Conforme Aitchison (1987; 1990; 7) citado por Villalva e Silvestre (2014), o léxico de um adulto chega a 50.000 e 250.000 palavras, pode ser distinto entre léxico passivo e léxico ativo, este é mais extenso e bastante usado no reconhecimento de enunciados, já aquele é passivo e mais reduzido, está disponível para a produção. Mesmo com essa gama de palavras, o reconhecimento e a produção ocorre em frações de segundos na mente do falante.

Villalva e Silvestre (2014) abordam que o conhecimento lexical de um falante não está restrito apenas a quantidade de palavras que ele possui, mas também a qualidade do conhecimento das unidades lexicais utilizadas pelos utentes. Os autores citam como exemplo a ortografia ou a informação etimológica. Mesmo que a escolarização intervenha na escrita, o analfabetismo e o analfabetismo funcional também interferem nos desvios da norma ortográfica. Porém, nenhuma delas determinam o grau de conhecimento do restante das propriedades das palavras, realização fonética ou o seu significado, ou seja, o indivíduo pode ter desvios na escrita, ou na pronúncia fonética de um determinado termo, porém sabe o que ele significa. Temos como exemplo o termo sanguessuga. Ocorreram mais recorrências em nossa pesquisa a variante fonética “chamichuga”, trataremos mais adiante dessa questão.

Paim (2012) citando Biderman (1983) esclarece que o léxico de uma língua compreende um conjunto de signos linguísticos, que os homens utilizam para se expressar, se comunicar e também são aptos a criar novos conhecimentos não apenas de sua civilização, mas de outras também. Por isso sofre variações e nunca devem ser analisados fora de seus contextos etnográficos. Além disso, o léxico permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, permitindo também averiguar os conhecimentos que ele possui.

Sendo assim, a composição do léxico de um falante é formada pelo conhecimento adquirido ao longo da vida, suas experiências de vida e experiências linguísticas em contato com a comunidade em que vive.

Portanto, todas as formas de expressão de uma língua são refletidas pelo léxico, seja visão de mundo, sejam expressões socioculturais, ou ideológicas, e nelas são nítidas as variações ocorrentes, porque, assim como a sociedade está em constante mudança, o léxico também as acompanha.

No Brasil têm-se várias formas de falar que se diferenciam dos demais estados brasileiros, que podem ser normativas, regionais ou locais. O Tocantins é tido como um estado jovem e composto por vários imigrantes oriundos de outros estados que compõem nosso imenso território nacional, por isso a diversidade linguística é bastante significativa tanto regional como social. O trabalho ora apresentado analisará os itens lexicais que refletirão as visões de mundo dos utentes das cinco regiões que compõem o estado e como eles designam as lexias da fauna tocaninense selecionadas para esta pesquisa.

2.3.1 Variação Diatópica

É necessário definir os campos de atuação das variações diatópicas e diastráticas no âmbito da dialetologia e da geolinguística para seguir com as análises das mesmas.

Os dialetólogos estudam os dialetos, que são as diferentes formas de falar dos falantes de uma determinada localidade, mas essas diferenças não são apenas regionais, que é conhecida como variação diatópica, porém social, também conhecida como variação diastrática. Wardhaug (1992) citado por Aragão (2012, p. 17), diz que “[...] os dialetos sociais se originam entre grupos sociais e dependem de uma série de fatores, sendo aparentemente, os principais, a classe social de religião e etnicidade”. Portanto, as variações dependem exclusivamente dos aspectos sociais.

Conforme Hudson (1980 *apud* ARAGÃO, 2012, p. 17) é possível perceber que há similaridades da forma de falar de um mesmo grupo de classe social igual. Teyssier (2001) também compartilha da mesma ideia de Hudson (1980) quando afirma que as diferenças ainda se tornam maiores quando um homem culto conversa com uma pessoa analfabeta, ambos brasileiros, compartilham da mesma

cultura, mas provindos de regiões distintas, pode-se perceber que a diversidade linguística é enorme.

Assim sendo, Cardoso (2010) diz que, ao estudar a língua, a dialetologia leva em conta os fatores extralinguísticos, pois ela é um instrumento responsável pelas relações sociais de uma dada comunidade, e tais fatores têm a preocupação ora diatópica ora sociocultural.

Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural aos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. (CARDOSO, 2010 p. 25).

Dessa forma, conforme Corvalan (1988 *apud* CARDOSO, 2010, p. 26), a Dialetologia e a Sociolinguística caminham juntas, pois ambas “estudam a língua falada, o uso linguístico, e estabelecem relações entre certos grupos de indivíduos”. Por essa razão ele diz que tais disciplinas até certo ponto são sinônimas, mas ao se tratar da ocupação da diversidade de usos de língua, cada qual atribuem suas peculiaridades no tratamento do seu objeto de estudo. Em ambas há presença do enfoque diatópico e sociolinguístico.

O que se distingue, no entanto, é a forma de tratar os fenômenos e a perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia considera os fatores sociais como relevantes na coleta e tratamento dos dados, baseia-se na localização espacial, sendo assim, diatópica. Já a sociolinguística faz a correlação entre fatos linguísticos e os fatores sociais, portanto prioriza as relações sociolinguísticas.

Ainda segundo Cardoso (2010), as diferenças espaciais ou geográficas ganham destaque nos estudos linguísticos:

Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolinguísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento, o que explica a extensão de projetos que levaram à construção de atlas linguísticos com diferenciadas visões espaciais (CARDOSO, p. 47).

Assim, os estudos baseados nas diferenças espaciais repercutem significativamente na construção dos atlas linguísticos, mas não apenas os espaços geográficos são levados em conta. Para Rossi (1984 *apud* CARDOSO, 2010), a investigação dialetal é muito mais ampla que apenas os espaços geográficos, pois abrange o espaço e a sociedade.

O que, entretanto, apesar de cristalinamente óbvio me interessa destacar por relevante para o nosso ambiente científico e cultural é que os lugares, as áreas, não existem nas ciências humanas como espaços físicos em si, mas como espaços sociais. Definem-se não por coordenadas no fundo astronômicas ou geofísicas, mas pelos traços histórico-culturais das sociedades humanas ou segmentos delas que os ocupam (CARDOSO, p. 48).

Para tanto, desde os primórdios o homem se situa nos espaços geofísicos, pela língua e suas variedades, o fato é que os traços histórico-culturais interferem em seu existir, agir, no ser e no fazer. Segundo Cardoso (2010, p. 48) essa é uma preocupação diatópica.

Nos primeiros estudos dialetais ficou evidente o interesse pelo conhecimento da realidade linguística inserida no espaço físico, isso levou os pesquisadores a desenvolver trabalhos que descrevessem áreas e realidades linguísticas de um dado território definido.

2.3.2 Variação Diageracional

A variação diageracional consiste na diferença da idade dos participantes. Segundo Pop (1950), “o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que se possam comparar as divergências existentes entre o falar de um jovem e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem” (*apud* CARDOSO, p. 50). Tal variação etária não teve sua importância reconhecida desde o início dos estudos dialetais. Pop (1950) lamenta que nas cartas do primeiro Atlas não se possa distinguir as respostas dadas por pessoas de faixas etárias diferentes. Gilliéron, o francês que coletou os dados do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), selecionou um conjunto de participantes cuja faixa etária se estende dos 15 aos 85 anos.

Já Gardette também relata a importância da variação etária, que é conveniente ouvir vários participantes simultaneamente e que este método permite documentar as diferenças que separam as gerações (POP *apud* CARDOSO, p. 51). Mas a relevância da variação diastrática só veio ser valorizada no final do século XX, tal exemplo metodológico foi fornecido pelo *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay* (ADDU).

No ALiB, também percebemos que houve preocupação por parte dos pesquisadores em registrar a variação diageracional. Nela encontramos diferenças entre o falar dos jovens, estes menos preocupados com variantes-padrão, portanto, mais inovadores, dos participantes mais idosos, mais apegados às tradições. Assim, tais diferenças nos faz entender que o utente modifica a sua maneira de falar, com o passar dos anos, preferindo então as variantes-padrão (CARDOSO, 2013).

2.3.3 Variação Diassexual

O gênero, assim como a idade, também foi preocupação e interesse dos dialetólogos desde o início dos estudos dialetais, o que levou os usos linguísticos de homens e mulheres tornarem-se objeto de documentação. Segundo Gauchat (1905), no ALF fez das mulheres o principal participante, mesmo em proporção tão pouca em comparação aos homens, 60 participantes do gênero feminino em um total de 700 entrevistados, em 52 localidades, ela se tornou a fundamental participante.

Uma vez que a mulher aceitou a inovação, é do seu uso que passará à linguagem da juventude, porque as crianças seguem, principalmente, o exemplo das mulheres que passam muito tempo em casa, em sociedade, a cozinhar, a lavar, e que falam mais do que os homens, envolvidos com o trabalho do campo, no meio dos quais se apresentam taciturnos e muitas vezes isolados durante toda a jornada. (*apud* CARDOSO, 2010, p. 52).

Ainda conforme Gauchat (1905), na França, as mulheres são mais abertas às inovações, e por elas passarem mais tempo com os filhos elas acabam transmitindo a sua linguagem a eles. O autor ainda afirma o papel das mulheres na constituição das línguas: “Não se fala, sem razão, de teto paterno, mas de língua materna” (*apud* CARDOSO, 2010, p. 52). Então pelo fato das mulheres passarem mais tempo com os filhos, eles acabam adquirindo a linguagem materna e não a paterna, haja visto que os homens se ausentam mais devido ao trabalho.

Já na Itália, Pop (1950) citando a Jud e Jaberg constata que, no *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschwiz* (AIS), as mulheres são mais conservadoras no seu falar, porque elas mudam de lugar raramente, conservando assim a forma de falar de sua área (CARDOSO, 2010).

No Brasil, também houve preocupação em registrar o falar dos homens e das mulheres, tanto no ALiB como nos demais atlas linguísticos brasileiros. Tal importância tem sido ressaltada nos trabalhos de natureza sociolinguística, em virtude das diferenças encontradas, seja na presença, seja na frequência de determinadas variantes. De um modo geral, observa-se que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio, comportamento que se pode entender como reflexo na linguagem de estruturação sócio-econômico-cultural (CARDOSO, 2013).

3. METODOLOGIA

3.1 Coleta de dados

Esta pesquisa está amparada nos referenciais teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geografia Linguística por meio de revisão de literatura. O *corpus* deste estudo foi extraído a partir dos dados fornecidos pelo ALINTO, Acervo Áudio Visual da Língua Falada no Tocantins.

A natureza da presente pesquisa é de cunho descritivo, pois ela pretende identificar e descrever as variações linguísticas ocorridas na língua falada. Ao analisar os resultados obtidos nas designações das unidades lexicais da fauna tocan-tinense, podemos averiguar se a teoria da Dialetoлогия se confirma. Também constatou-se o nível de variação semântico-lexical no âmbito diatópico e lexical observando os fatos sociais que influenciam tais ocorrências.

Primeiramente, foi realizada a leitura da teoria que embasa a pesquisa ora iniciada, “Atlas Linguístico do Tocantins: um enfoque semântico-lexical sobre algumas unidades lexicais que designam a fauna Tocantinense”. O método adotado para o desenvolvimento deste trabalho foi de cunho descritivo, no qual tais dados oferecem uma amostra das unidades lexicais mais recorrentes na fala tocan-tinense.

Em seguida, analisamos as entrevistas já coletadas pelo Projeto Construção do Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins, que foram tabuladas. Posteriormente, focalizamos o processo de significação das unidades lexicais.

Por fim, os resultados foram analisados de acordo com a teoria da Dialetologia e da Geografia Linguística. O objetivo de desenvolvimento deste estudo foi identificar e descrever a quantidade de ocorrências de cada unidade lexical que compõe o nosso *corpus*, o significado de tais unidades lexicais e analisar na perspectiva diatópica e lexical as variantes recorrentes no falar tocantinense.

O *corpus* desta pesquisa se constituiu de respostas de 54 participantes, 6 participantes por ponto pesquisado, selecionados mediante os critérios de idade, sexo e escolaridade. Além disso, foram escolhidos participantes nativos do município, filhos de pais nascidos na região (preferencialmente no município) ou participantes que não se ausentaram do município por mais de um terço de suas vidas.

Dos dezesseis pontos de coletas do ALINTO, utilizamos nove para a nossa pesquisa, sendo as cidades divididas por regiões: Norte (Araguatins, Tocantinópolis e Xambioá); Centro-Oeste (Araguacema); Centro (Miracema e Pedro Afonso); Sudeste (Dianópolis), Sul (Formoso do Araguaia, Paranã). Justificamos que a cidade de Araguaína estava incluída no projeto apresentado inicialmente, porém a pesquisadora responsável pela coleta não conseguiu fazê-la em tempo hábil para as análises, por isso decidimos retirá-la.

A coleta de dados se deu através de entrevistas gravadas em áudio, com o objetivo de mostrar como as pessoas dessas cidades nomeiam os itens lexicais da fauna tocantinense. “Outra possibilidade metodológica, para o estudo da variação do léxico, é a entrevista, que pode servir para o pesquisador induzir ou provocar amostras da variação léxica em estudo.” (PAIM, 2012, p. 130) Conforme Paim (2012), a entrevista também é uma metodologia eficaz para o estudo da variação lexical.

3.2 Perfil dos participantes

Segundo Ferreira e Cardoso (1984), citado por Cardoso (2010), o perfil dos participantes de quem se quer extrair e apurar dados, precisa ser claro para estabelecer controle de variáveis diversas e delinear um conjunto de pontos a serem considerados nessa escolha: [...] naturalidade, com precisão do local de nascimento; grau de escolaridade; profissão, domicílios e período de permanência em cada um deles; viagens efetuadas e duração de cada uma delas (CARDOSO 2010, p. 93).

Assim, o perfil dos participantes do projeto obedecerá a critérios tradicionais e inovadores, sistematicamente controlados conforme o gênero, a idade e a escolaridade.

Os critérios tradicionais consistem em o participante:

- (a) ser nativo da localidade, bem como seus pais e cônjuges;
- (b) não apresentar problemas de dentição ou de fonação;
- (c) ser loquaz e conhecedor da comunidade em que vive;
- (d) não ter se afastado da localidade por mais de um terço de sua vida;
- (e) ser analfabeto ou ter nível mínimo de escolaridade (até o nono ano do ensino fundamental).

Os critérios inovadores dizem respeito ao fato de se escolher participante segundo variáveis sociais sistematicamente controladas:

- (a) dois gêneros: homem e mulher;
- (b) três faixas etárias: I (18 a 35 anos), II (de 36 a 55 anos), III (de 56 anos em diante).

Faixa 1: Masculino / Feminino (18 a 35 anos);

Faixa 2: Masculino / Feminino (36 a 55 anos);

Faixa 3: Masculino / Feminino (+ de 56 anos);

Escolaridade: até 9 anos de escolaridade ou ensino fundamental.

3.3 Questionário

Para cumprir os propósitos desta pesquisa, escolheu-se o campo semântico-lexical da fauna tocantinense e deste selecionou-se os dados resultantes das sete perguntas elencadas a seguir:

Pergunta nº: 88- Como chama aquela ave que come carniça? (**urubu**)

Pergunta nº: 91- Como chama aquela ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho? (**galinha-d'angola**)

Pergunta nº: 92- Como chama aquele passarinho verde que fala? (**papagaio**)

Pergunta nº: 93- Como chama aquele bicho fedorento que come galinha? (**gambá**)

Pergunta nº: 105- Como chama aquele tipo de gado de cor preta criado solto que se alimenta do mato? (**búfalo**)

Pergunta nº: 108- Como chama aquele bicho da água que gruda na pele e chupa o sangue? (**sanguessuga**)

Pergunta nº: 109- Como chama aquele inseto grande que voa sobre a água? (**libélula**)

Os dados resultantes desse inquérito e que constituem o objeto de análise deste estudo estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1. Questionário e respostas relacionadas ao campo semântico-lexical aspectos geográficos.

Pergunta 88	Resposta	Pergunta 91	Resposta
Como chama aquela ave que come carniça?	1. Urubu 2. Carcará	Como chama aquela ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho?	1. Cocar 2. Angolista 3. Guiné 4. Galinha-d'angola 5. Angola 6. Galinha-d'água 7. Cotó
Pergunta 92	Resposta	Pergunta 93	Resposta
Como chama aquele passarinho verde que fala?	1. Papagaio 2. Periquito 3. Arara	Como chama aquele bicho fedorento que come galinha?	1. Mucura 2. Raposa 3. Gambá 4. Gavião 5. Preá 6. Guaxinim
Pergunta 105	Resposta	Pergunta 108	Resposta
Como chama aquele tipo de gado de cor preta criado solto que se alimenta do mato?	1. Búfalo 2. Curraleiro 3. Mirandeirol 4. Tucuna 5. Rajado	Como chama aquele bicho da água que gruda na pele e chupa o sangue?	1. Chamichuga 2. Sanguessuga 3. Muriçoca 4. Morcego 5. Candiru 6. Barata-d'água 7. Pernilongo 8. Carrapato
Pergunta 109	Resposta		
Como chama aquele inseto grande que voa sobre a água?	1. Cambito 2. Libélula 3. Mariposa 4. Martim pescador 5. Garça 6. Muriçoca 7. Cavalo-de-judeus 8. Cavalo-de-pau 9. Rabo-de-tesoura 10. Macaquinho 11. Socó 12. Pato		

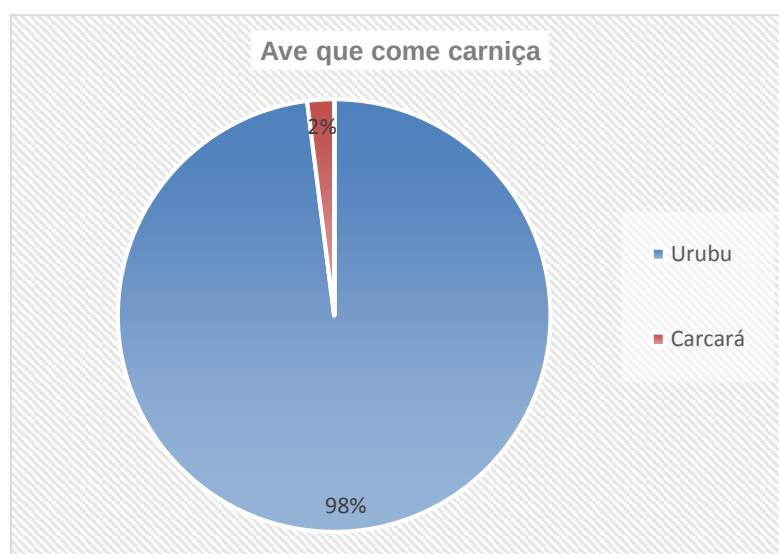
	13. Morcego		
--	-------------	--	--

Fonte: Elaboração própria

4.TABULAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

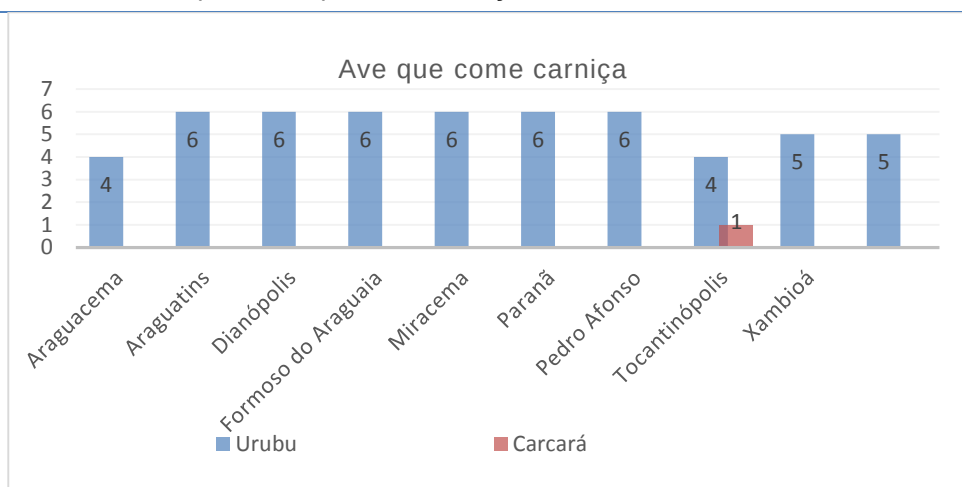
Neste capítulo, evidenciam-se as ocorrências das sete unidades lexicais que resultaram das perguntas que compõem o grupo semântico-lexical fauna tocantinense (do inquérito do ALINTO) nos nove pontos estudados. Apresentamos uma descrição de seus significados dicionarizados (metalexicográficos) e dos sentidos empregados pelos participantes, através de uma análise sucinta dos dados.

Gráfico 1 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 88 do ALINTO: “Como chama aquela ave que come carniça?”



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 88 do ALINTO: “Como chama aquela ave que come carniça?”



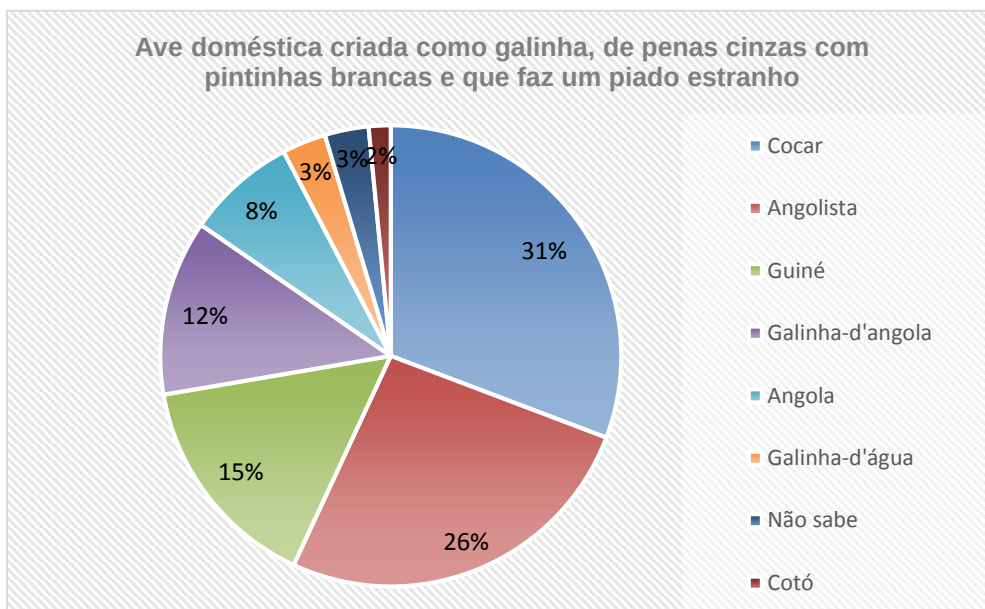
Fonte: Elaboração própria

O vocábulo *urubu* é a unidade lexical mais recorrente (98%) na fala dos participantes do ALINTO. Nome comum às aves falconiformes da família dos catartídeos. Essa unidade lexical é derivada do tupi *uru' uu* (CUNHA, 2010). Aulete (2009) a define como ave toda negra, de cabeça e pescoço pelados, que se alimenta de carniça. Ferreira (2004) traz a definição de ave comum às aves ciconiformes, catartídeas, de cabeça pelada, que se alimenta de carnes em decomposição. Já Houaiss e Villar (2001) dizem que esta ave tem cabeça e pescoço nus e alimenta-se de carne em putrefação.

Carcará apareceu uma única vez, um participante de Tocantinópolis pronunciou este vocábulo. O termo é definido por Aulete (2009) como ave da família do falcão, encontrada em todo Brasil. Para Ferreira (2004), esse termo é derivado do tupi (arranhar, rasgar com as unhas) é uma ave falconiforme, falconídes, da região cisandina da América do Sul, tem a cabeça pardo-escura, dorso pardo, calda branca listrada de pardo, com ponta preta, asas pardo-escuras. Ainda segundo Ferreira esse termo é uma variante de *carancho*. Não houve referência nos dicionários de que essa ave se alimente de carnes em decomposição, talvez o participante fez a relação de que carcará pertença a mesma família dos urubus, falconiforme.

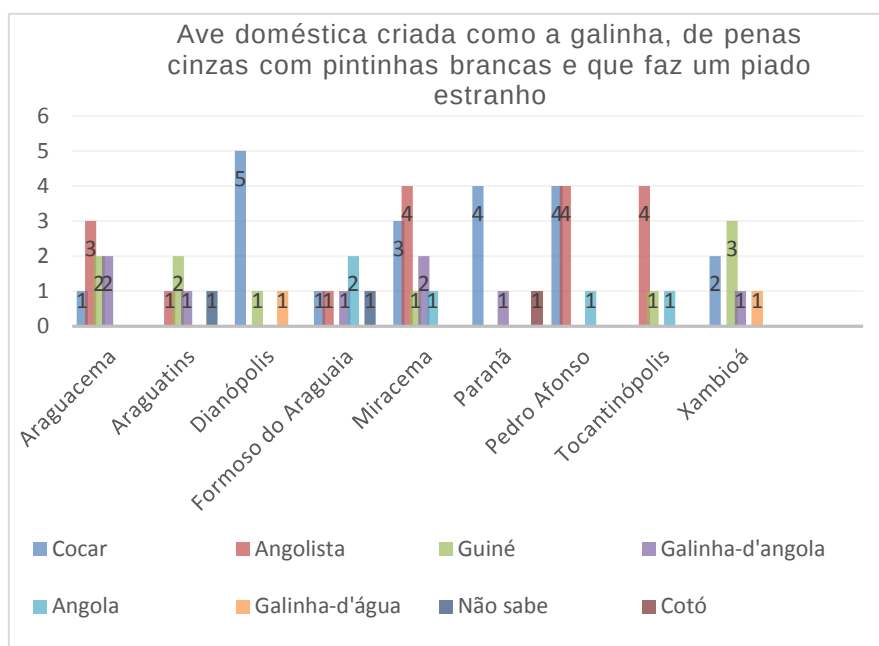
Como se pode ver, surgiram 2 respostas à questão 88 do Projeto ALINTO, mas ficou evidente que a forma que os participantes tocantinenses nomeiam a ave que come carniça é *urubu*.

Gráfico 3 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 91 do ALINTO: “Como chama aquela ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho?”



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 4 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 91 do ALINTO: “Como chama aquela ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho?”



Fonte: Elaboração própria

O vocábulo *cocar* ocorreu com mais frequência no falar tocaninense (31%), do francês *cocarde*, de *coq* 'galo' (CUNHA, 2010). Ferreira (2004), Houaiss e Villar (2001) o definem como penacho, laço ou distintivo que se usa na cabeça, no chapéu, no elmo. Os autores também afirmam que *cocar* é uma variante de *galinha-d'angola* (*Numida meleagris*). Já Aulete (2009) não menciona que esse vocábulo é uma variante da galiforme, o traz como enfeite de penas utilizado pelos indígenas. A relação de *cocar* com a *galinha d'angola* talvez se dê pela saliência que a ave tem no alto da cabeça que se assemelha ao enfeite usado pelos indígenas.

Angolista foi o segundo vocábulo mais falado pelos participantes do ALINTO (26%), Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2004) traz esse vocábulo como uma variante de *galinha-d'angola*, cuja formação é a junção do termo *angola* + -ista.

Na terceira colocação no quadro de produtividade está o vocábulo *guiné* com (15%), nos dicionários encontramos o termo *galinha-da-guiné*, os participantes pesquisados o chamam apenas de *guiné*. Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2004) também trazem esse vocábulo como uma variante de *galinha-d'angola*.

Também houve várias referências ao vocábulo *galinha-d'angola* (12%), é uma ave originária da África e introduzida e domesticada em países de clima quente; de plumagem cinzentada e pintalgada de branco e cabeça nua (HOUAISS, VILLAR 2001). Aulete (2009) a define como ave semelhante à galinha, com plumagem cinzenta e pintas brancas. Ferreira (2004) a descreve como galiforme que no alto da cabeça tem um capacete ósseo mais ou menos destacado sobre a pele desnuda. Adapta-se com facilidade em qualquer clima, entretanto, conserva resquício da vida selvagem, espanta-se facilmente tem o hábito formar ninho longe angolinha, angolista, capote, *cocar*, *conquém*, *edu*, *estou-fraca*, *galinha-da-guiné*, *galinha-índia*, *galinha-da-numídia*, *galinha-do-mato*, *galinhola*, *guiné*, *picota*, *pintada*, *capote*, *capota*, *sacuê*, *pintada*, *picota*, *fraca*, *cakuê* (FERREIRA, 2004).

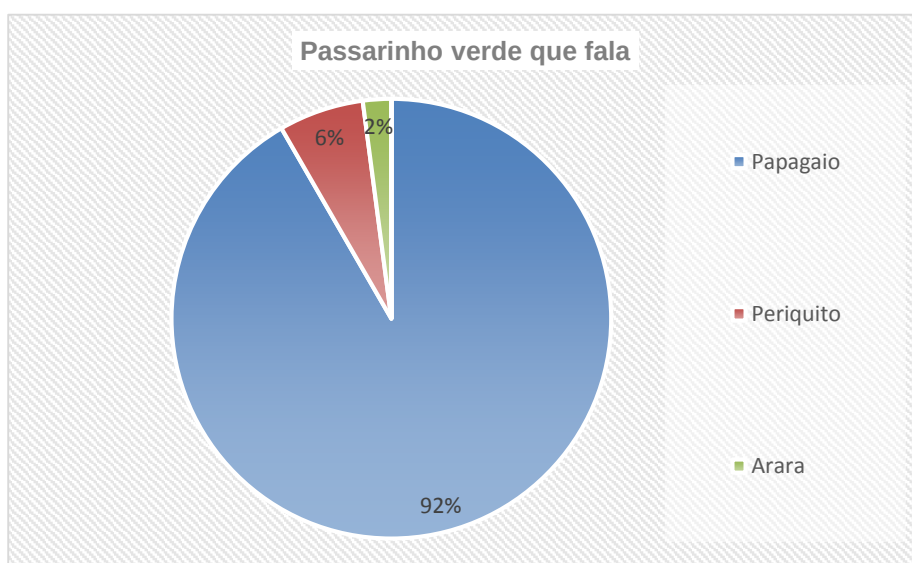
A quinta posição está com o termo *angola* (8%), que também é uma variante de *galinha-d'angola* (Houaiss, Villar, 2001).

Também surge timidamente o vocábulo *galinha-d'água* com 3%, o termo é uma variante de *carqueja*, que é o maior dos frangos-d'água brasileiros (FERREIRA, 2004). Houaiss a chama de *frango-d'água* (*gallinula chloropus*), originária de *carqueja-de-bico-manchado*, são encontradas em áreas alagadas. Não houve menção nos dicionários de que o vocábulo *galinha-d'água* tenha relação com o termo *galinha-d'angola*.

Por fim, o vocábulo *cotó* também surgiu na fala dos participantes do ALINTO com 2%. Aulete (2009) a define como alguém que tem parte do braço ou perna amputado; que ou aquele que não tem rabo ou tem o rabo mutilado. Ferreira (2004) além dessas definições, ele acrescenta que esse vocábulo também pode ser uma referência a uma coisa pequena. A relação que o participante deva ter feito se deve pelo fato da *galinha-d'angola* ter o rabo menor que as demais espécies de galinhas, talvez por isso a chamam de *cotó*.

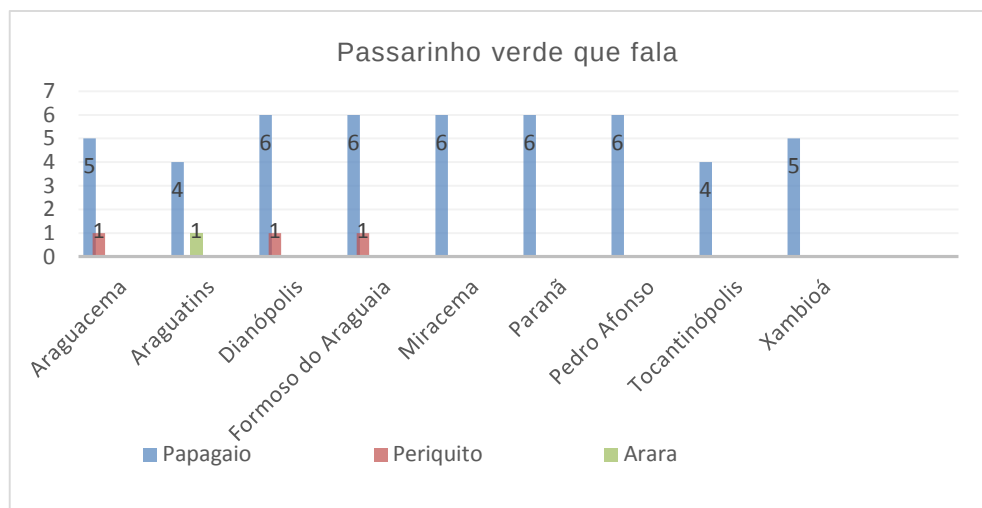
Para responder essa questão 91, encontramos 7 unidades lexicais diferentes que designam a “ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas e pintinhas brancas”. Apesar do termo escolarizado ser *galinha-d'angola*, ele não foi o mais recorrente no falar dos participantes do ALINTO, porém ocupa a quarta posição na pesquisa. O vocábulo mais utilizado pelos tocantinenses foi a variante *cocar*, seguida por *angolista*.

Gráfico 5 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 92 do ALINTO: “Como chama aquele passarinho verde que fala?”



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 6 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 92 do ALINTO: “Como chama aquele passarinho verde que fala?”



Fonte: Elaboração própria

Como se vê, a unidade lexical *papagaio* foi a mais recorrente no falar dos participantes do ALINTO (92%). Segundo Cunha (2010) é uma ave da família dos psitacídeos, que imita a voz humana. Ainda segundo Cunha a etimologia desse termo é de origem obscura, que parece derivar do árabe *babbagâ*. Aulete (2009) define essa unidade lexical como pássaro que tem penas geralmente verdes, cabeça e/ou rabo com plumagem colorida, de bico grosso, e é capaz de imitar a voz humana. Das definições apresentadas por Ferreira (2004) a que mais se assemelha a intenção do participante é a espécie de psitacídeos, psitacídeos, espécie de gênero da Amazona, com 11 espécies brasileiras, por via de regra, imitam bem a voz humana. Essa é a razão dessa ave ser comercializada clandestinamente (HOUAISS, VILLAR 2001).

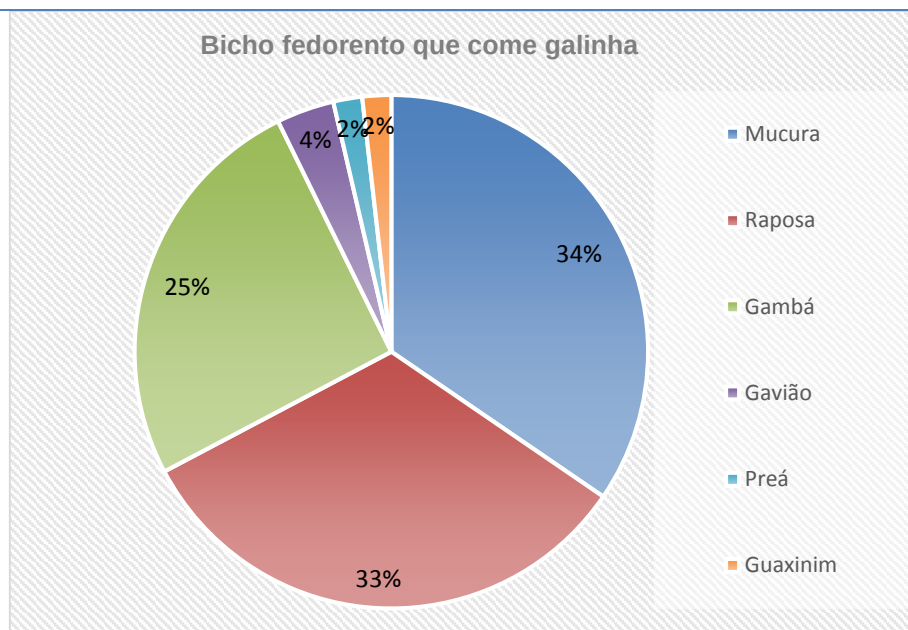
O vocábulo *periquito* se encontra na segunda posição com 6% das recorrências entre os participantes da pesquisa. Conforme Cunha (2010), o termo é de origem casteliana *periquito*, ave psitacídeos, da família dos psitacídeos. Para Aulete (2009) esse termo é dado a diversas aves de coloração variada, com predominância do verde, geralmente são originárias de países tropicais. Ferreira (2004) também descreve que essa ave tem a coloração verde e diz que ela está presente em várias regiões geográficas. Das várias definições apresentadas por Houaiss e Villar a que mais se assemelha a intenção dos participantes é que

periquito (*perico*) é uma espécie de papagaio. Não houve menção nos dicionários de que o *periquito* imite a voz humana, assim como o *papagaio*.

O termo *arara* (2%) é comum a diversas aves de grande porte, também pertence à família dos psitacídeos. De origem do tupi *a'arara* (CUNHA 2010). Ave de bico curvo, cauda longa e plumagem colorida (Aulete, 2009). Houaiss e Villar (2001) definem o vocábulo como uma designação comum de algumas aves que ocorrem na América Latina, possuem grande porte e são dotadas de bico alto, recurvado e calda longa. Os autores transcrevem a citação que Cunha faz de José de Alencar: “*ará* ‘periquito’. Os indígenas como aumentativo usavam repetir a última sílaba da palavra e às vezes toda a palavra. [...] *Arará* vinha a ser, pois, o aumentativo de *ará*, e significaria a espécie maior do gênero.” O escritor brasileiro explica que os indígenas repetiam a última sílaba da palavra para fazer uso do aumentativo, portanto ao dizer *arará*, queriam dizer periquito grande. Ferreira (2004) acrescenta o modo de vida desta ave, a qual se alimenta de frutas e sementes em geral e vivem no cimo das árvores. Ferreira ainda completa com a seguinte exemplificação “Entre as aves trepadoras sobressaem as araras, que habitam no cimo das maiores árvores, onde comem e dormem” (Raimundo Morais, *Anfiteatro Amazônico*, p. 176).

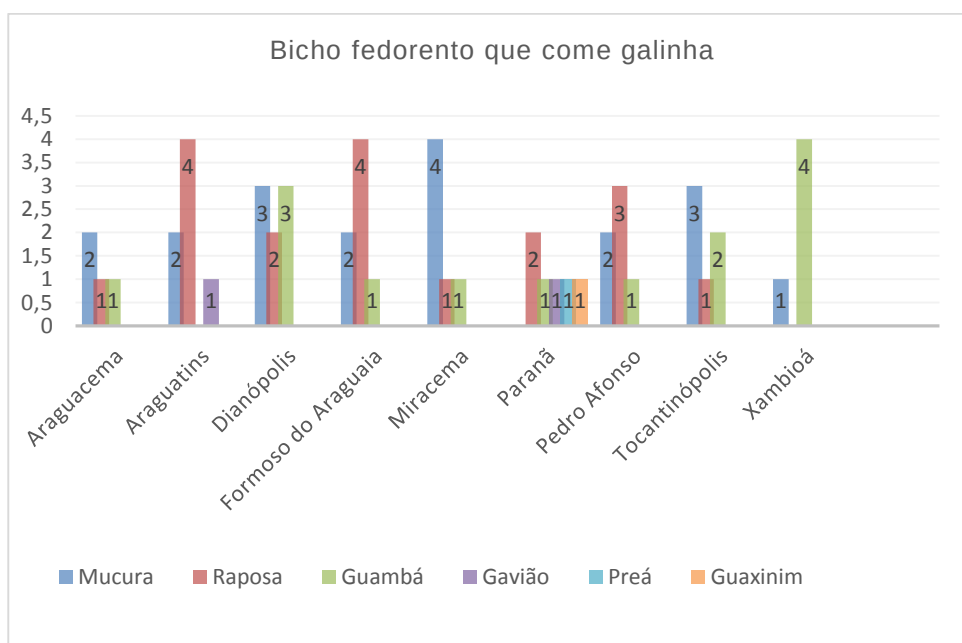
Encontramos 3 unidades lexicais diferentes como resposta para a questão 92, “...passarinho verde que fala”, entretanto apenas a mais recorrente, papagaio, corresponde ao requisito que se pede. Evidenciando que é assim que os tocantinenses nominam a ave verde que fala. O periquito e a arara, apesar de pertencerem à mesma família dos psitacídeos, não são capazes de imitar a voz humana. Os participantes talvez não entenderam a pergunta ou mesmo ficaram nervosos e fizeram confusão na hora da entrevista.

Gráfico 7 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 93 do ALINTO: “Como chama aquele bicho fedorento que come galinha?”



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 8 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 93 do ALINTO: “Como chama aquele bicho fedorento que come galinha?”



Fonte: Elaboração própria

O vocábulo *mucura* é a unidade lexical mais recorrente nos dados do ALINTO (34%). Cunha (2010) o define como mamífero marsupial da família dos didelfídeos, gambá, sariguê. Termo originário do tupi *mu'kura* (CUNHA 2010).

Ferreira (2004), Houaiss e Villar (2001) apresentam esse termo como uma variante de gambá.

Raposa apareceu em segundo lugar no quadro de produtividade das unidades lexicais do ALINTO com 33%. Do Castelhana, *raposa*, variante do antigo e dialetal *rabosa*, provavelmente de *rabu* (CUNHA, 2010). Ainda segundo Cunha, é um animal mamífero, carnívoro, que habita na Europa, de pequeno porte grande e predador de aves em geral. Ferreira (2004) acrescenta que o mamífero tem o pelo farto e matizes que vão do castanho ao branco-prateado, por isso é muito valorizado no comércio. O autor ainda complementa com um trecho da crônica de Raquel de Queirós, “é comovente a obstinação com que certas elegantes, depois de umas estadas de alguns meses na capital, insistem em sair de bailes, em Fortaleza, com a sua raposa prateada” (Raquel de Queirós, 100 Crônicas Escolhidas, p.45). O vocábulo *raposa* também é uma variante de *gambá*, segundo Houaiss e Villar (2001). Segundo Gabriel Catunda, em um programa do Discovery Channel em 2001, foi listado os 10 animais mais fedorentos do mundo, a raposa ocupa a nona posição e o gambá a segunda. Ainda segundo Catunda, a raposa emite um mau cheiro porque possui glândulas de odores na cauda, próxima ao ânus. Esse odor produzido é muito semelhante ao do gambá.

O termo *gambá* surgiu numa produtividade de 25% no falar dos participantes do ALINTO. Conforme Ferreira (2004), o vocábulo é uma designação comum aos mamíferos marsupiais, didelfídeos. As fêmeas têm uma bolsa, na qual se acham as tetas que alimentam os 10 a 18 filhotes de cada gestação. São onívoros e levam a vida noturna. Ainda segundo Ferreira, esse termo tem uma extensa lista de sinônimos: *cassaco*, *sariguê*, *saruê*, *mucura*, *micurê*, *raposa*, *taibu*, *tacaca*, *ticaca*, *timbu*. Para Cunha (2010), o vocábulo *gambá* é de origem do tupi, mas de étimo obscuro. Houaiss e Villar (2001) acrescentam uma descrição do animal mede até 50 cm de comprimento, cauda longa e quase toda nua com uma parte branca, pelagem de cor cinza, preta ou avermelhada. Conforme citamos acima, entre os 10 animais mais fedorentos o gambá ocupa a segunda posição.

O *gavião* (4%) é uma ave de rapina, tem hábitos diurnos, falconiformes, que se alimenta de presas vivas, inclusive aves, reptis, pequenos mamíferos, até invertebrados, como insetos e moluscos (FERREIRA, 2004).

O vocábulo (2%) *preá*, segundo Cunha (2010), é um nome comum a várias espécies de mamíferos roedores. Originário do tupi, *apere'a*. Ferreira (2004)

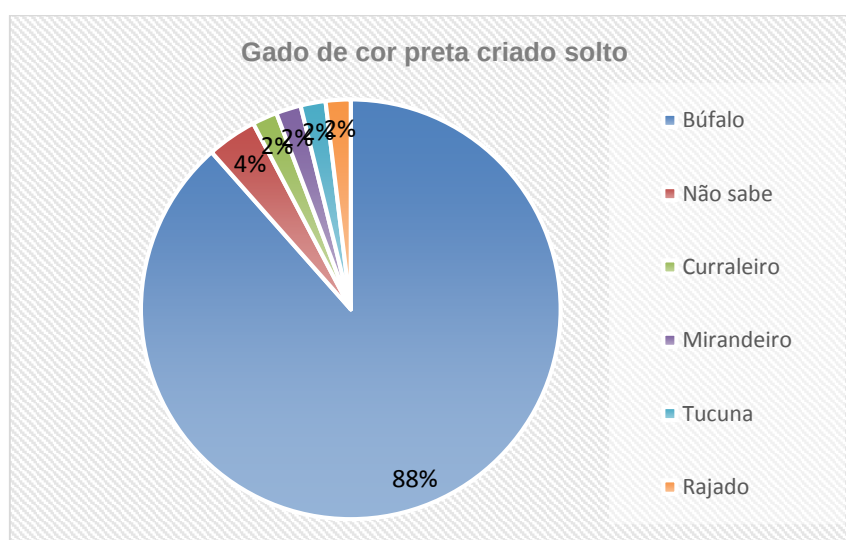
acrescenta que a espécie vive em capinzais à beira de córregos, lagoas e rios, têm hábitos noturnos, e alimentam-se de gramíneas. Aulete (2009) o descreve como roedor que geralmente tem a barriga branca e dorso manchado de amarelo-escuro.

Por fim, *guaxinim* (2%), conforme Aulete (2009) é um pequeno mamífero carnívoro que vive em brejos e mangues. Para Ferreira (2004) esse termo é uma variante de mão-pelada, animal mamífero, carnívoro e que se alimenta de pequenos animais e vegetais. Já para Houaiss e Villar (2001), o guaxinim é um mamífero que tem aspectos semelhantes ao do mão-pelada, a diferença está nas patas esbranquiçadas. Ainda segundo os autores, esse termo é de origem do tupi, *guá-xinĩ* ‘o que rosna, o roncador’.

A forma que os tocantinenses chamam o bicho fedorento que come galinha é mucura, segundo Ferreira (2004), Houaiss e Villar (2001) é uma variante de gambá. Mas como ficou explícito no quadro de produtividade, o termo escolarizado, gambá, ficou em terceiro lugar, seguido de raposa.

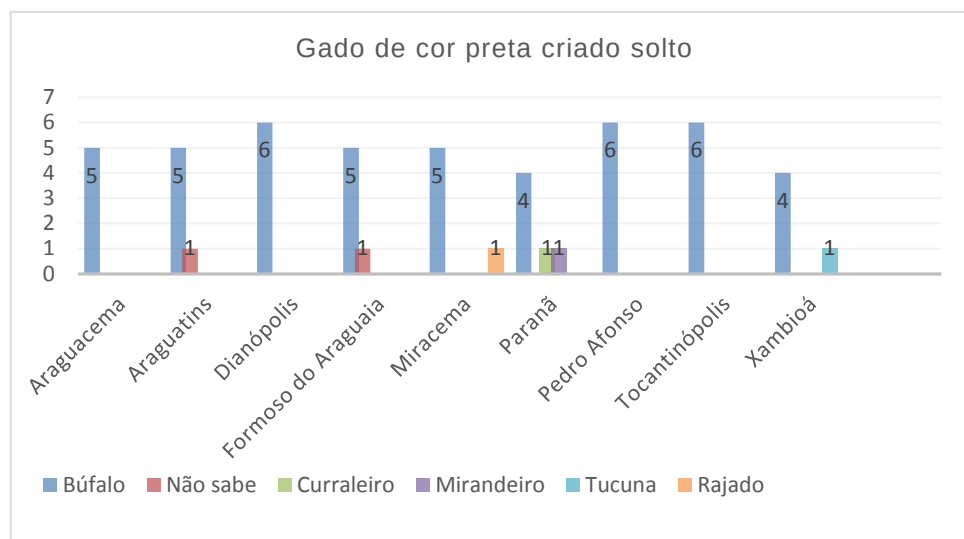
Como se pode ver, essas três últimas unidades lexicais que aparecem como respostas dos participantes à questão 93, *gavião*, *preá* e *guaxinim*, não correspondem ao “bicho fedorento que come galinha”. Evidenciando que os participantes não entenderam a questão ou por não saberem designar esse tipo de bicho.

Gráfico 9 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 105 do ALINTO: “Como chama aquele tipo de gado de cor preta criado solto e que se alimenta do mato?”



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 10 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 105 do ALINTO: “Como chama aquele tipo de gado de cor preta criado solto e que se alimenta do mato”?



Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar, o vocábulo *búfalo* surgiu como a unidade lexical mais recorrente (88%) nos dados do ALINTO. Segundo Cunha (2010), esse termo é de origem latina tardia *būfālus* (class. *būbālus*), derivado do grego *boúbalos*. Houaiss e Villar (2001) definem esse vocábulo como designação comum a duas espécies de grandes mamíferos ruminantes, da família dos bóvidos (*Bubalus bubalis* e *Syncerus caffer*), cuja etimologia é latina do grego *boúbalos*, ou “búfalo” < *boûs*, *boós* “boi, vaca, bovino”. Já Ferreira (2004) corrobora que esse animal vive mergulhado na lama.

O vocábulo *curraleiro* (2%) é o gado bovino criado ou recolhido em curral, segundo a zootecnia, o termo também se refere a certa raça bovina, conforme Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2004).

Os termos *mirandeiro*, *tucuna*, e seus significados não foram encontrados em nenhum dos dicionários ora pesquisados. Ambos apareceram com 2% cada no quadro de produtividade do ALINTO.

De acordo com Gil Perini (2003) no livro *O pequeno Livro do Cerrado*, os vocábulos *curraleiros* e *mirandeiros* se referem a boi bravo, “Pretos, baios, mouros, curraleiros, chinas, zebras, giros, nerós, mirandeiros, crioulos. Boi é brabeza, vaca é mansa” (PERINI, 2003, p.14). O autor goiano descreve nesse livro alguns aspectos

da fauna, flora e cultural de Goiás. Ao comparar os dados do ALINTO com os participantes do ALINGO, percebemos que o termo *curraleiro* também aparece como resposta à mesma questão para os de algumas cidades goianas. Sendo assim, se justifica os termos utilizados pelo participante de Paranã, cidade próxima à fronteira do Goiás.

Um único participante da faixa etária acima de 56 anos utilizou os termos *curraleiro* e *mirandeiro*, evidenciando que quando se deixa de utilizar certo item lexical, ele acaba caindo em desuso e com o tempo se extingue se não for registrado e catalogado. Paim (2013) citando Isquerdo (2003) nos diz que o léxico é a relação histórica e cultural da comunidade, que pode registrar diferentes mutações.

[...] o conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua, por reproduzir a visão de mundo, o patrimônio cultural dos falantes e por testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história, fornece marcas da identidade desse grupo. A forma de usar a língua, particularmente a de escolher as palavras, revela aspectos da maneira de pensar e de agir de um indivíduo/grupo, além de fornecer índices da origem geográfica e da classe social do falante (PAIM, 2013 apud ISQUERDO, 2003, p. 178).

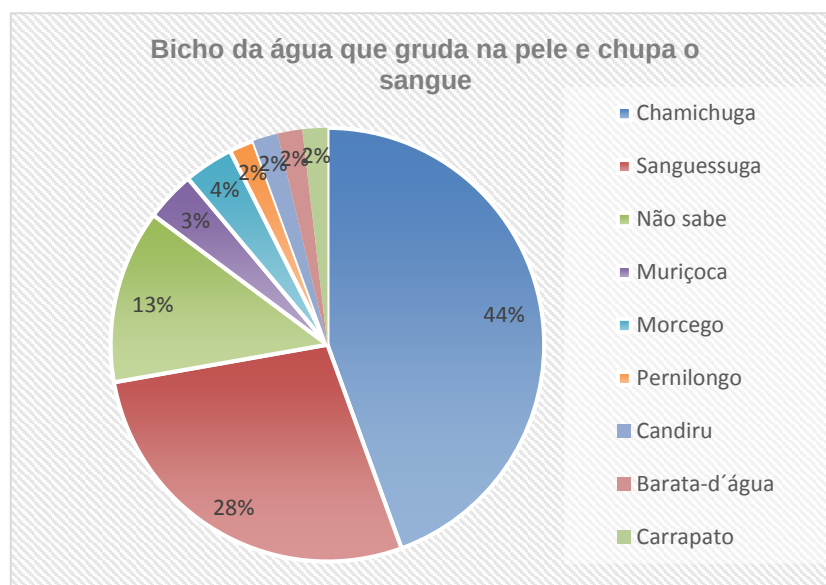
Sendo assim, a importância de se registrar os falares de um povo, sua cultura de forma escrita para que se registre antes que desapareça. Nota-se as formas que o participante utilizou para nomear o “boi de cor preta criado solto” revelam aspectos particulares do uso de suas escolhas de palavras, confirmando o pensamento de Isquerdo.

O vocábulo *rajado* (2%) tem o mesmo significado que *raja*. Segundo Cunha (2010), nome de origem castelhano *raya*, estria, listra, raia. Houaiss e Villar (2001) acrescentam que esse termo se refere a um adjetivo que qualifica algo que apresenta rajas, listras, riscas. Ferreira (2004) também apresenta as mesmas designações para *rajado*, o autor ainda acrescenta que esse termo também é utilizado para animais com manchas escuras “Com pouco apareceu na porta que dava para a cozinha uma bonita cabra rajada” (JOSÉ DE ALENCAR, O sertanejo, p. 207).

Pode-se observar no gráfico 9 que apesar de aparecerem 5 designações para o “gado de cor preta criado solto e que se alimenta de mato”, porém para os

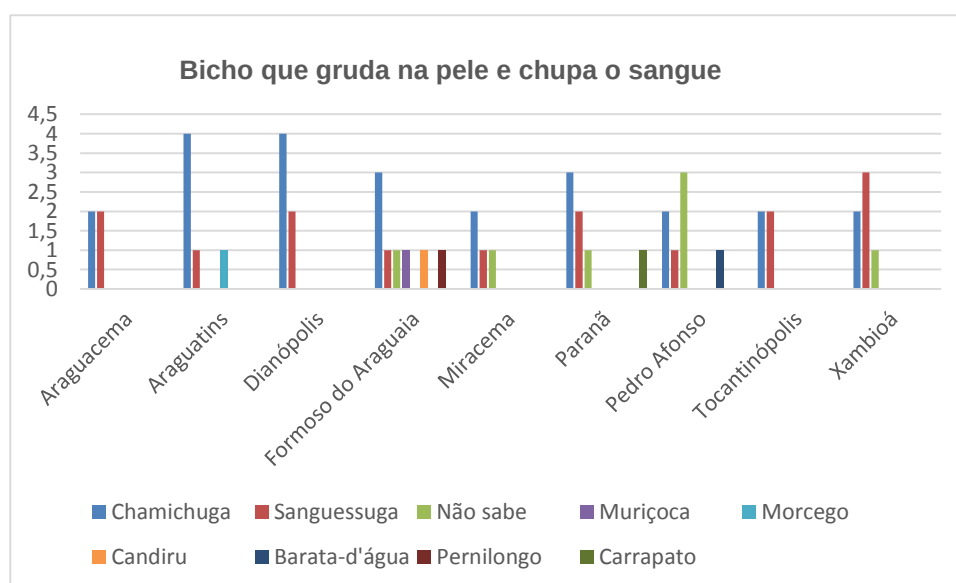
tocantinenses o termo mais utilizado é búfalo, pois surgiu com uma frequência muito significativa nos dados coletados do ALINTO.

Gráfico 11 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 108 do ALINTO: “Como chama aquele bicho da água que gruda na pele e chupa o sangue?”



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 12 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 108 do ALINTO: “Como chama aquele bicho da água que gruda na pele e chupa o sangue?”



Fonte: Elaboração própria

O vocábulo *sanguessuga* foi a segunda unidade lexical com maior produtividade, com 28%, perdendo apenas para a variante fonológica *chamichuga* (44%). A soma da produtividade dos dois termos é de 72%, por isso consideramos a variação fonológica deste vocábulo. O termo *sanguessuga* é derivado do latim, *sanguisuga*. Ferreira (2004) o define como verme que habita em águas doces e tem ventosas com que se liga aos animais com a finalidade de sugar-lhes o sangue. Também é de uso medicinal, desde a época dos romanos, para provocar sangrias. Houaiss e Villar (2001) o define como designação comum aos anelídeos da classe dos hirudíneos, marinhos, terrestres ou de água doce, são sugadores geralmente de vertebrados.

O que nos chamou a atenção foi a quantidade de participantes (13%) que disseram não saber e nem conhecer esse bicho da água que chupa o sangue das pessoas ou animais.

O termo *muriçoca* aparece no quarto lugar no quadro de produtividade das unidades lexicais como resposta à pergunta 108 com 3%. Conforme Aulete (2009), o vocábulo *muriçoca* é uma variante de *mosquito*, o autor designa esse pequeno inseto alado de pernas longas e finas. Cunha (2010) acrescenta que esse termo é originário do tupi *muri'soka*. Ferreira (2004) acrescenta mais duas variantes para este termo *meruçoca* e *muruçoca*. Houaiss e Villar (2001) corroboram com a origem desse termo, do tupi *mberu'soka* 'pernilongo', formado do tupi *mbe'ru* 'mosca' e tupi 'soka' que quebra, que parte, que fura. Essa resposta não responde à questão, pois o inseto *muriçoca* não é um bicho da água que gruda na pele para sugar o sangue de animais ou humanos.

O vocábulo *morcego* (4%), para Aulete (2009) é a designação para o mamífero noturno dotado de asas com o corpo semelhante a de um rato. De origem do antigo português *mur* 'rato', derivado do latim *mūs mūris*, e cego. (CUNHA, 2010) Segundo Houaiss e Villar (2001), esse é o único mamífero voador. Andirá, guandira e orelhudo são sinônimos do vocábulo *morcego*, conforme Ferreira (2004). Mais uma vez o participante confundiu-se, pois esse animal não corresponde à pergunta feita.

Pernilongo (2%) é o termo usado para designar mosquito de pernas compridas, segundo Aulete (2009). Ferreira (2004) informa que essa designação é

um adjetivo para o que tem pernas longas; pernigrande, pernudo, pernegudo. Houaiss e Villar (2001) apenas nos diz que é um termo comum a mosquito.

Candiru (2%) é o vocábulo utilizado para designar várias espécies de peixes teleósteos, tem 3 a 5 cm de comprimento, possui corpo cilíndrico, nadadeiras dorsal, anal e ventuais situadas muito atrás (FERREIRA, 2004). O autor completa com uma crença popular, não comprovada cientificamente segundo ele, que o candiru penetra na uretra das pessoas que estão se banhando nos rios. Morde muitas vezes pessoas e animais a fim de sugar-lhes o sangue. Já Houaiss e Villar afirmam como verdade que o *candiru* é capaz de parasitar as brânquias de outros peixes e também penetrar em orifícios de animais e humanos podendo causar ferimentos graves e até a morte. Conforme Cunha (2010), esse termo é originário do tupi, *kani'ru*. Esse termo também não corresponde à questão proposta.

Conforme Houaiss e Villar (2001), *barata-d'água* (2%) designa todas as espécies de insetos aquáticos, da família dos belostomatídeos, tem a coloração castanha, pernas posteriores achatadas próprias para natação, já as pernas anteriores são adaptadas para agarrar suas presas. Alimentam-se de caramujos, girinos, pequenos peixes e outros insetos. Ferreira (2004) acrescenta que este inseto vive na água, têm hábitos predadores, tamanho médio ou grande, tem aspecto semelhante ao da barata.

Por fim, *carrapato* (2%) é usado para nomear o aracnídeo que gruda na pele dos vertebrados a fim de sugar-lhe o sangue, conforme Aulete (2009). Segundo Cunha (2010), provavelmente esse vocábulo resulta de uma metátese de carrapato (o sufixo –ATO designa animais pequenos), derivado de *caparra*, nome desse animal em vasconço, moçárabe, aragonês e catalão ocidental. Conforme Ferreira (2004), o *carrapato* vive como ectoparasitos de vertebrados. Apesar de sugar o sangue, também não responde à pergunta feita por não ser um bicho da água.

Observa-se que o termo escolarizado como resposta à questão 108 é *sanguessuga*, mas ocorreu com muita significância a variante fononológica em muitos pontos da pesquisa, que foi o termo *chamichuga*. Conforme Villalva e Silvestre (2014), mesmo o falante tendo desvios de ortografia e desvios fonéticos, ele conhece o termo a que foi indagado, no nosso caso à questão 108 do ALINTO, porque ele possui um grau de conhecimento lexical e isso não altera o significado da unidade lexical requerida.

O vocábulo *cambito* ostenta a primeira posição no quadro de produtividade com 41% em resposta à pergunta 109 do questionário do ALINTO. Houaiss e Villar (2001) o definem para designar perna fina de homem ou de mulher, ganchos ou suporte de madeira, cabides. Entre essas definições, os autores também acrescentam que esse termo também é uma variante de libélula. Isso talvez se dê porque o inseto tem pernas longas e finas. Ferreira (2004) apresenta esse vocábulo como uma variante popular de libélula.

Muitos participantes disseram desconhecer o “inseto grande que voa sobre a água”, num total de 20%, sendo um número considerável de inquiridores.

Libélula é o nome comum aos insetos odonatos, esse termo surgiu com uma ocorrência de 9% no quadro de produtividade. Ele possui abdome longo e estreito, asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação. Alimenta-se de insetos e outros organismos, portanto são carnívoros em todas as fases vitais, conforme Houaiss e Villar (2001). Os autores apresentam algumas variantes para libélula: aguadeira, aviãozinho, cabra-cega, calunga, catarina, cavalinho-de-são-jorge, cavalo-de-cão, cavalo-do-demo, chupeta, donzelo, fura-olho, fura-terra, guigo, helicóptero, jaçanã, lava-cu, olho-de-peixe, papa-fumo, papa-mosquito, papa-vento, pica-fogo, pito-do-coisa-ruim, pito-do-demo, tangerina, tira-olho, zabumba e ziguezague. Já Ferreira (2004) afirma que as lavas desse inseto se desenvolvem nas águas correntes, nas paradas ou mesmo no interior das bromeliáceas. Ele também complementa “Havia pombos que arrulhavam em redor de Josefina e libélulas que valsavam com seus vestidos de gaze e seus adereços de ametistas” (Cecília Meireles, Obra Poética, p. 1002). Neste sentido, Ferreira ainda traz mais algumas variantes de libélula: cambito, canzil, cavalinho-de-judeu, cavalinho-do-diabo, cavalo-de-judeu, cavalo-judeu, donzelinha, jacina, jacinta, lava-bunda, lavadeira, lavandeira, libelinha, odonata, macaquinho-de-bambá, pito, ziguezigue.

Dessas variantes do termo *libélula* que foram citadas por Ferreira (2004), Houaiss e Villar (2001) também ocorreu no falar dos participantes do ALINTO como *cavalo-de-judeus* com 4% e *macaquinho* 2%, o autor menciona a variante *macaquinho-de-bambá*, já em Formoso do Araguaia surgiu apenas o termo *macaquinho*. A variante *cavalo-de-pau* com 2%, a relação se dê talvez com as demais variantes relacionadas a cavalo, como *cavalo-do-cão*, *cavalo-do-demo*,

cavalo-de-judeus e assim por diante. Sendo que *cavalo-de-pau*, ainda segundo Ferreira é a uma espécie de armadilha para aves e também pode ser uma manobra brusca com um veículo.

Mariposa, esse vocábulo advém do castelhano *mariposa*, de *Maria* e *posa*, imperativo de *posar* ‘pousar’, conforme Cunha (2010). Aulete (2009) define a *mariposa* como um inseto que geralmente tem hábitos noturnos, e que possuem semelhanças às borboletas. As lavas das mariposas tecem casulos onde vivem ao se transformar em ninfas, semelhante às borboletas, conforme Ferreira (2004). Os participantes também o utilizaram como resposta (5%) à questão 109, porém equivocadamente.

O vocábulo *muriçoca* também surgiu como resposta à pergunta 109 com 3%, mas como já o definimos acima, esse termo não se adequa à questão, pois *muriçoca* é um inseto pequeno e o pretendido é grande e voa sobre a água.

Como se pode ver o termo *garça* (4%) também foi registrado no quadro de produtividade do “inseto grande que voa sobre a água”. Segundo Houaiss e Villar (2001) este termo é uma designação comum às aves ciconiformes da família dos ardeídeos, possuem porte variado, pernas e dedos compridos, pescoço fino, bico longo e pontiagudo. Ferreira (2004) acrescenta que estas aves vivem aos bandos, frequentam rios, lagos, charcos, praias marítimas ou manguezais de pouca salinidade, alimenta-se de peixes. Por estas definições, percebemos que os participantes se equivocaram dando o termo *garça* como resposta, por se tratar de ave e não de inseto.

O termo *socó* (2%), segundo Cunha (2010), é uma ave da família dos ardeídeos, originário do tupi *so’ko+i* ‘pequeno’. Houaiss e Villar (2001) também a definem como ave que tem ampla distribuição, hábitos diurnos, crepusculares e noturnos, geralmente são encontradas em pares ou isoladas. Ferreira (2004) complementa que esta ave alimenta-se de peixes, vivem perto de lagoas, rios e terrenos alagadiços. Portanto, por ser uma ave, este termo também está equivocado em relação à questão 109 do questionário.

Rabo-de-tesoura apareceu no quadro de produtividade com 2%. Segundo Houaiss e Villar (2001), esta é uma variante de *lacrãia*, que são vermiformes com segmentação do corpo, possuem 15 ou mais pares de patas e medem 6 a 200 mm de comprimento. Ferreira (2004) complementa que nas famílias dos artrópodes

miriápodes existam cerca de 200 espécies no Brasil. Ainda segundo Ferreira, o termo lacraia tem o sinônimo de *centopeia*, *escolopendra*, *rabo-de-tesoura*.

O vocábulo *martim-pescador* (2%) é uma ave aquática da família dos alcedinídeos, possui bico muito grande, pescoço curto e alimenta-se de peixes e insetos aquáticos, conforme Houaiss e Villar (2001). Ferreira (2004) apresenta mais características dessa ave, possui coloração quase sempre azul ou verde-metálica, com várias cores intercaladas. São frequentadoras de rios e lagos do Brasil. Apesar de aparecer na coleta de dados, esta resposta também não responde à questão 109 do questionário do ALINTO.

Pato também surgiu erroneamente como resposta a essa questão, com (2%), segundo Aulete (2009) é uma ave aquática que tem membranas entre os dedos e tem o bico chato. Ave aquática que geralmente possui grande porte, conforme Houaiss e Villar (2001).

Finalmente, *morcego* aparece com 2%, por se tratar de um mamífero, segundo Aulete (2009), esta resposta também está equivocada, portanto, não corresponde ao inseto grande que voa sobre a água.

Como podemos ver, surgiram 14 respostas à questão 109 “inseto grande que voa sobre a água”. Dessas, foram 8 respostas equivocadas, sendo 2 insetos muito pequenos como a muriçoca e a mariposa, 5 aves aquáticas, garça, socó, pato, rabo-de-tesoura e martim-pescador e 1 mamífero, o morcego. Apesar desses equívocos registrados, não houve comprometimento no resultado final na forma correta de nomear este inseto, pois houve um número significativo de respostas do vocábulo *cambito* que é uma das variantes de libélula que ostenta a posição com 41% no quadro de produtividade.

5. Considerações finais

O trabalho ora empreendido, dentro do que se propôs numa perspectiva dialetológica buscou identificar, descrever e analisar as variantes lexicais recorrentes na fauna tocantinense presentes no acervo do ALINTO.

Observou-se que ocorreram muitas variações em cada unidade lexical evidenciando que não existe uma única forma de nomear a mesma coisa. Conforme Calvet (1997 *apud* ARAGÃO, 2012), há duas ou várias formas diferentes de dizer uma mesma coisa, como observado em nossa pesquisa empreendida nos 9 pontos de coletas do Projeto ALINTO. Na questão 91, por exemplo, pode-se notar os 7

diferentes vocábulos utilizados para designar a mesma “ave doméstica criada como a galinha, de penas cinzas com pintinhas brancas e que faz um piado estranho”: *cocar*, *angolista*, *guiné*, *galinha-d’angola*, *angola*, *galinha-d’água*, *cotó*. Esta é a ordem crescente de produtividade em que surge na pesquisa, sendo que o termo utilizado para nomear esta ave, aqui no Tocantins é *cocar*.

Outro aspecto a se levar em conta, é que o vocábulo *morcego*, por exemplo, surgiu equivocadamente, assim como várias outras respostas podem ser desconsideradas na pesquisa, pois o participante se confundiu, ou desconhece o termo próprio para designar tal elemento da fauna questionado, ou simplesmente esqueceu.

Neste sentido, as confusões, as respostas equivocadas, e as respostas ditas como não conhecer ou não saber a resposta (foram registradas juntas nos gráficos), foram muito recorrentes e são justificadas. Segundo Aguilera (2008), em muitos atlas já publicados também ocorreram esses fatos, a autora cita Ziamandanis (1999):

en los atlas lingüísticos del mundo hispanohablante, se recogen dos fenómenos que han recibido poca atención: la falta de respuesta y el desconocimiento. [...] a primeira vista, los dos fenómenos, la falta de respuesta y el desconocimiento, parecen tener resultados parecidos. Efectivamente, lo que el investigador recoge en ambos casos es el silencio. No obstante, el investigador distingue entre dos tipos de silencio. El primero, la falta de respuesta, ocurre cuando el informante no puede acceder mentalmente al vocablo. Indica que el vocablo forma parte del vocabulario suplementario del informante; no es de acceso fácil y rápido. Por otra parte, en una encuesta de más de 1400 preguntas, esta falta de respuesta también puede ser el resultado de factores externos: el informante está agotado, aburrido o simplemente flojo (ZIAMANDANIS, 1999, p. 656 *apud* AGUILERA, 2008, 17).

Pensando assim, a falta de resposta e a ignorância, ou seja, desconhecer a item parece ter semelhança, segundo Ziamandanis e acaba induzindo o ao participante silêncio. Outro fator a se considerar as não-respostas são os externos, pelo fato do questionário ser muito extenso, levando o participante a ficar esgotado, aborrecido ou simplesmente preguiçoso.

Observou-se também que o termo escolarizado não foi a designação utilizada pelos participantes tocaninenses para nomear a unidade lexical desejada. Isso evidencia que os participantes preferem as variantes aos termos escolarizados. Confirmando a teoria da variação diastrática, na qual o participante é influenciado

pelo meio social a que ele está submetido, ou seja, o grau de escolaridade que ele possui pode interferir na forma que ele fala. No caso dos participantes do Projeto ALINTO, o critério de escolaridade foi o de pessoas analfabetas ou até nove anos de escolaridade. A pouca escolaridade pode ser razão pela qual muitos preferiram utilizar as variantes dos termos pesquisados, confirmando assim o pensamento supracitado de Bidermam (1983 *apud* PAIM, 2012) de que o léxico permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo.

Assim, pudemos verificar que a escolha das variantes se dê pelo grau de escolaridade dos participantes, ocorrendo assim, a variação diastrática. Essa ocorrência se deu na questão 91, cujo termo escolarizado é *galinha-d'angola* e a variante mais utilizada foi *cocar*; na questão 93 o termo escolarizado é *gambá*, mas a variante que surge foi *mucura*, quase que empatada com *raposa*; na questão 108 o mais curioso foi a grande ocorrência da variante fonológica *chamichuga*, que é uma variante de *sanguessuga*, que juntas somam 72%; e por fim, na questão 109 a variante com maior ocorrência foi *cambito*, que é uma variação do termo escolarizado *libélula*.

O campo desta pesquisa é muito abrangente, fazem-se necessárias novas pesquisas para registrar os falares tocantinenses, por ser um estado novo com apenas 27 anos. O nosso desejo é que haja um despertar em novos professores e estudantes pesquisadores.

Sendo assim, a continuação da construção do Atlas Linguístico do Tocantins é de grande relevância para os estudos linguísticos, pois será muito enriquecedor para o âmbito social e universitário, pois abrangem muitas áreas do conhecimento, além das que foram citadas neste trabalho, a Dialetologia e a Geolinguística abarca outras, como a Antropologia, a Sociolinguística, a Lexicologia, entre outras. Esta pesquisa não se esgota aqui, é apenas uma pequena contribuição que deixo e que com certeza abrirá novos caminhos para que eu prossiga como pesquisadora.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. A. YDA, V. **Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais**, Revista Signum: Estudos da Linguagem [online] [online]. Volume 11. Número 2, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3040>> Acesso em 9 fev 2017.

ALEXIUS, R. **Gambá, um mamífero mal compreendido**. Disponível em:<<http://guardafogo.blogspot.com.br/2011/07/gamba-um-mamifero-mal-compreendido.html>> Acesso em 30 dez 2016.

ARAGÃO, M. S. S. **A Distribuição Diatópica e Diastrática das Variantes de “Sovina” em Capitais Brasileiras** – AliB. In: ALTINO, F. C. (Org.) *Múltiplos Olhares Sobre a Diversidade Linguística: Uma Homenagem à Valdeci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012.

AURÉLIO, R. P. **Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos**. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. 133f. (inédita)

CARDOSO, S. A. M. S. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 1 Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, S. A. M. **DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil** CARDOSO, S. A. M. *et al.*(Orgs). Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CATUNGA, G. **Os 10 animais mais fedorentos do mundo cheiro**. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/diario/2013/08/15/interna_diario,456260/os-10-animais-mais-fedorentos-do-mundo.shtml > Acesso em 30 dez 2016.

MARRA, Daniel. **Metáfora, Metonímia e Mudança Semântica em unidades lexicais que designam o espaço geográfico: foco na Diatopia do nordeste goiano**. (Relatório de Pós-Doutoramento em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. 70f (inédito).

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, 3ª. Ed, Curitiba: Positivo, 2004.

HOUAISS, A. VILLAR, M. S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953.

PAIM, M. M. T. **A presença do projeto ALiB nos estudos sobre a língua portuguesa**. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M.; PAIM, M. M. T. (Orgs.). Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador, Vento Leste, 2012.

PAIM, M. M. T. **Aspectos da Variação Semântico-Lexical nas Capitais Brasileiras**. In: ALTINO, F. C. (Org.) Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: Uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012.

PAIM, M. M. T. **A variação diageracional nas capitais do Projeto ALiB**. Web-Revista SOCIODIALETO [online]. Volume 3. Número 9. Campo Grande, 2013 Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013125821.pdf> ISSN 2178 -1486 > Acesso em 7 fev 2017.

PERINI, G. **O pequeno livro do cerrado** Disponível em<: https://books.google.com.br/books?id=j_tMmv3a0_wC&pg=PA14&lpg=PA14&dq=o+que+%C3%A9+mirandeiro&source=bl&ots=F5RLg4VOXX&sig=9fQ6RbEU63yInE03fxLIHjDu_CE&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiXhIOcoZrRAhXJhpAKHUhIA50Q6AEIKTAD#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20mirandeiro&f=false>Acesso em 29 dez 2016.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VILLALVA, A. SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico: Descrição e análise do Português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.